

ISAAC GONDIM FILHO

171 A

Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835

Fone: 226.9242 - CEP 90020-025

"A HORA MARCADA"

TEATRO

(É noite. O cenário está iluminado convenientemente. O relógio-carrilhão deve marcar exatamente a hora oficial da cidade, aquela em que verdadeiramente está começando o espetáculo.)

Em cena estão: MARGARIDA, CATARINA, EMILIA, EDUARDO, MIGUEL e PEDRO, vestidos de acôrdo com a situação, um jantar mais ou menos íntimo.

Ao abrir-se o velário, estão todos vindo a valer, numa cena de gargalhada que durará alguns instantes e que, de tão espontânea, contagia a platéia. Depois destes risos é que começa realmente a ação).

MARGARIDA — Então, que é que vocês querem?

CATARINA — Eu, por mim, não quero nada...

EMILIA — Eu tomaria outro cafêzinho. *(Risos gerais)*
É a única coisa que me tira o sono quando temos um programa até mais tarde.

EDUARDO — Você fala tanto em seu sono.

MIGUEL — E nunca a vimos cochilar, sequer.

PEDRO — Mas não sejamos indiscretos. Deixemos Emilia em paz.

EMILIA — Obrigada, Dr. Pedro.

PEDRO — Mas, afinal, que programa vamos fazer?

CATARINA — Discutimos isto durante todo o jantar, e nada.



MARGARIDA — Então... vamos ao Teatro... *(Aqui se nomeia o teatro onde tem lugar a representação)* ver "A Hora Marcada"?

MIGUEL — *(Olha o relógio)* A esta hora, já deve ter começado.

CATARINA — E por que não vamos a um cinema?

PEDRO — Oh, querida... Você mesma disse que não havia um filme que prestasse...

EMÍLIA — Que tal um passeio de automóvel? A noite está tão bonita...

MIGUEL — Sua sugestão é romântica, mas um pouco à moda do novo rico.

PEDRO — E' a segunda vez que você é indiscreto com Emília.

EMÍLIA — Obrigada, Dr. Pedro. E' a segunda vez que o senhor me defende das garras de Miguel.

MIGUEL — *(Aproximando-se dela com as mãos em garra, brincalhão)* Mas de mim você não escapará!

MARGARIDA — Miguel, não seja sem graça. Ninguém riu.

CATARINA — *(Breve pausa)* Mas, afinal, que vamos fazer?

EDUARDO — Nada.

MARGARIDA — Eduardo...! *(Noutro tom)* Você, como dono da casa, não devia dizer uma coisa desta...

EDUARDO — Por que não? Existe uma arte de não fazer nada.

MARGARIDA — Você também está com vontade de fazer graça?

EDUARDO — Não. Estou falando sério. *(Risos gerais)* Vê? Quando digo que falo sério, todos acham graça. *(Noutro tom)* Já que não sabemos o que fazer, vamos ficar sem fazer nada.

PEDRO — *(Aproximando-se)* Então, ofereça-me uma bebida. E' a melhor coisa que temos a fazer, para não fazer nada.

EDUARDO — *(Indo ao bar)* Whisky?

CATARINA — *(Indo a PEDRO)* Querido, você sabe que não deve beber. Olhe o seu fígado.

PEDRO — O médico sou eu, mas é minha mulher que fala em fígado.

CATARINA — Não abuse. Já bebeu tanto, hoje.

PEDRO — Um pouquinho só.

MIGUEL — Eu o acompanho.

EDUARDO — E eu também. *(Prepara três copos)*

MARGARIDA — Pronto! Quando os homens começam a beber, não pensam mais em sair de casa. *(As mulheres)* Adeus programa para esta noite!

EDUARDO — Não seja trágica, Margarida. Beberemos um gole e sairemos.

MARGARIDA — Eu sei como é... Quando vocês começam a beber, não param mais. Onde podedemos ir tão tarde?

EDUARDO — A uma "boîte".

MIGUEL — Isto mesmo! O que não falta é "boîte"!

EMÍLIA — Eu, não irei. Tenho horror a este tipo de divertimento. A penumbra dá-me sono.

MIGUEL — Novamente o sono de Emília. *(Oferecendo-lhe o copo)* Beba um pouco.

EMÍLIA — *(Rindo)* Quer me envenenar?

MIGUEL — Se eu pudesse...



EMÍLIA — (*Indo a PEDRO, brincalhona*) Dr. Pedro, socorra-me! Miguel quer me envenenar.

PEDRO — (*Dando-lhe seu copo*) Aceite o meu.

EMÍLIA — (*Tomando-o*) Obrigada.

MIGUEL — (*Chegando-se*) Cuidado! Também está envenenado!

EMÍLIA — Nele eu confio.

CATARINA — (*Brincalhona*) Alto lá! Pedro é meu marido. Não o conquiste, já tem dona. Sou eu.

EMÍLIA — Eu seu...

CATARINA — Para uma mulher solteira, você é bem ousada. (*Com um gesto largo*) Estão vendo vocês? Emília quer roubar-me Pedro!

MIGUEL — Ela é perigosa...!

EMÍLIA — Oh, Miguel... Que galanteio!

PEDRO — (*Envolvendo-a com um braço*) Mais uma vez eu a defendo.

CATARINA — Ai está! Meu marido concorda! E na minha frente! (*Risos gerais*).

EMÍLIA — Fique descansada, Catarina. Estamos todos brincando... Você diz tudo isso, porque sabe que pode confiar no seu marido.

CATARINA — Poderei mesmo?

PEDRO — Claro!

EMÍLIA — Dr. Pedro é o tipo do homem incapaz de uma atitude menos decente, incapaz de baixezas. Um verdadeiro cavalheiro.

CATARINA — Sério?

EMÍLIA — Sério.

CATARINA — Agradeça, Pedro.

PEDRO — Obrigado. (*Risos gerais*).

CATARINA — (*Indo a MARGARIDA*) Sabe, Margarida? Às vezes eu penso que Emília não é sua irmã.

MARGARIDA — Pois é, desde que nasceu.

CATARINA — Então, você melhor do que ninguém, deve conhecê-la perfeitamente... E como é que você explica que sendo ela tão interessante continue solteira?

MARGARIDA — Talvez os homens não pensem da mesma maneira que você.

MIGUEL — Protesto!

EMÍLIA — Você?

MIGUEL — Eu mesmo! Acho você interessantíssima!

EMÍLIA — Oh, Miguel... Foi esta a primeira coisa agradável que você me disse esta noite.

MIGUEL — Mas se você não casou, a culpa deve ser sua.

CATARINA — Ou sua, que ainda não se resolveu a casar com ela.

EMÍLIA — Vocês falam tanto que eu não casei, como se eu fôsse uma solteirona. Ainda não sou uma solteirona.

CATARINA — Mas se não tomar cuidado, estará a caminho disso.

EMÍLIA — Não há perigo. Quando eu achar que chegou a ocasião, casarei.

CATARINA — Mas deve ser logo!

Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835

Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



EMÍLIA — Não vejo porque tanta pressa. Creio que o essencial não é apenas casar, mas casar bem. Como você e Dr. Pedro.

PEDRO — Nós?!

CATARINA — Não disse mais do que uma verdade, querido.

EMÍLIA — Ou como Margarida e Eduardo.

EDUARDO — Nós também somos exemplo agora?

MARGARIDA — Parece que somos... E não somos mesmo?

EMÍLIA — São, verdadeiramente. (*Noutro tom*) Eu que vivo aqui com vocês, bem posso dizer. Margarida e Eduardo são muito bem casados. (*Abraçando MARGARIDA*) Eu só casaria para ser como você: uma esposa ideal. Para ter um marido como Eduardo: um marido perfeito.

EDUARDO — Por que você diz uma coisa desta de mim?

EMÍLIA — Eu o conheço, Eduardo. Se você é o melhor cunhado do mundo, só pode ser um ótimo marido.

MARGARIDA — O melhor do mundo!

EDUARDO — (*Indo a MARGARIDA*) Porque você é a melhor mulher do mundo!

CATARINA — (*Atrapalhando-os*) Mas vamos deixar os idílios para outra ocasião, quando vocês estiverem sòzinhos! (*Risos gerais*)

MARGARIDA — Você tem inveja de nossa felicidade?

CATARINA — Absolutamente. Eu e Pedro também somos felizes; não somos, querido?

PEDRO — Imensamente.

CATARINA — E como formamos, nós seis, um grupinho formidável, devíamos pensar em casar Emília com Miguel. Ficaria tudo bem arrumadinho.

MIGUEL — Catarina, minha madrinha será você!

EMÍLIA — Agradeço, Miguel. Mas eu só casaria com um homem como Eduardo. (*Indo até êle*) Que pena, Eduardo, você não ter um irmão...

EDUARDO — Mas tenho um sócio: Miguel!

EMÍLIA — Não é a mesma coisa,

EDUARDO — Entendemo-nos às mil maravilhas, confiamo-nos mutuamente. Somos amigos desde crianças.

MIGUEL — Fomos quase educados juntos, como irmãos.

EDUARDO — Temos a mesma maneira de pensar.

EMÍLIA — Mas acontece que eu não amo Miguel.

CATARINA — O amor vem depois do casamento.

EMÍLIA — E se não vier?

CATARINA — Olhe para mim e para Pedro, para Margarida e Eduardo. O amor vem sempre depois. Antes é somente fantasia, sonho, imaginação.

EMÍLIA — Eu prefiro não jogar com o futuro.

MIGUEL — Jogar? E que tal se jogássemos carta?

CATARINA — Oh, Miguel... Nós todos fazendo tanta força para arranjar o seu casamento com Emília, e você...

MIGUEL — Era um programa...

CATARINA — Mas nós temos que casar Emília!

EMÍLIA — Obrigada pelo interesse.

CATARINA — (*Indo a MARGARIDA*) Amanhã, iremos a uma cartomante para saber que futuro está destinado a ela. Eu me arrepio tôda só em pensar em cartomante!

MARGARIDA — Não será preciso.



CATARINA — Por que?

EMÍLIA — (*Correndo às duas*). Eu não consinto que façam investigações desta ordem sobre a minha vida. Não interessa a ninguém o meu futuro a não ser a mim mesma! Eu não casarei!

MARGARIDA — E' isto mesmo, Emília! Você não casará.

CATARINA — Por que você diz isso, assim, desta maneira?

MARGARIDA — Eu consultei Rani Bhanwani.

CATARINA — O adivinho?!

MARGARIDA — Em pessoa, Rani Bhanwani, éle próprio.

CATARINA — Aqui?! Éle está aqui?!

MARGARIDA — Na cidade. Quer o seu endereço?

CATARINA — Quero, naturalmente. Mas o que foi que éle disse?

EMÍLIA — (*Interrompendo-as*) Por favor...! Vocês querem dar crédito a um adivinho? Naturalmente éle só há de dizer aquilo que se quer!

CATARINA — (*Para MARGARIDA*) Mas o que foi que éle lhe disse?

MARGARIDA — Exatamente aquilo que eu não queria. Emília não casará.

EMÍLIA — Isto eu digo todo o dia aqui em casa. Estou cansada de dizer. Você sabe. Eduardo sabe. Todo o mundo sabe. Não há nenhum mistério. E depois, não vejo razão para você ir consultar éste tal de Rani Bhanwani sobre a minha vida. E' minha, somente a mim interessa.

MARGARIDA — Não. Eu tenho razões e muitas. Como irmã mais velha sou, de certa maneira, responsável por você. Naturalmente que me interessa pela sua felicidade.

EMÍLIA — E em que é que éste adivinho pode contribuir para a minha felicidade? Em quê?

MARGARIDA — No rumo em que sua vida pode tomar e o que poderemos fazer para evitar qualquer coisa desagradável.

EMÍLIA — Eu acho engraçado, Margarida. Como é que você pode acreditar numa coisa desta?

MARGARIDA — Você não acredita, mas eu acredito. Isto basta.

EMÍLIA — Você não vê que um adivinho dêste não merece o menor crédito? Éste Rani Bhanwani, como qualquer outro quiromante, cartomante ou o que seja, é um homem como outro qualquer. Por que então acreditarmos num poder que éle verdadeiramente não tem?

MIGUEL — Eu acho que Emília tem razão. Éste tipo de gente não merece crença. Todos eles são uns mistificadores. Quem vai consultar esta gente já está naturalmente predisposto a acreditar em tudo que dizem. E' difícil separar a fantasia da realidade... Baseiam-se na psicologia do consulente, na maneira de fazer as perguntas e armam um história qualquer, que pode dar certo ou não. Não estão vendo que tudo isso é pura fantasia?

EMÍLIA — E' isto também que eu acho. Fantasia.

EDUARDO — E quem pode precisar exatamente os limites da fantasia e da realidade? Quem? (*A MIGUEL*) Você? (*A EMÍLIA*) Você? (*A PEDRO*) Ou você, Pedro?

PEDRO — Nenhum de nós.

EDUARDO — Ninguém. (*Noutro tom*) Quem sabe se aquilo que julgamos ser a nossa realidade não é, verdadeiramente, a fantasia dos outros? Talvez seja uma questão de ponto de vista, uma maneira de compreendermos, ou mesmo um simples caso de posição em relação às outras coisas. Eis aí o nó do problema.

(*Há uma pausa em que todos se entreolham meditativos*)



CATARINA — *(Depois de um instante, curiosamente para MARGARIDA)* Margarida, você disse a Rani Bhanwani que Emília diz sempre que não quer casar, que não se casará?

MARGARIDA — Não.

MIGUEL — Como foi que você lhe fez a consulta?

MARGARIDA — Perguntei se Emília casaria ou não.

MIGUEL — Assim, sem mais nem menos?

MARGARIDA — Acho que sim.

MIGUEL — Exatamente, como foi? Conte tudo como aconteceu!

MARGARIDA — *(Breve pausa)* Esperei muito tempo na sala. Fui só. Quando ele me recebeu na sala especial, beijou-me a mão e mandou-me sentar.

MIGUEL — O beijo na mão é para ver a aliança. Isto ajuda. E' uma boa pista, para começar.

MARGARIDA — A aliança, eu a uso na esquerda e ele beijou a direita.

MIGUEL — *(Fazendo o gesto de beijar-lhe a mão)* Fazendo isto, podia olhar melhor a outra mão. *(Noutro tom)* Mas vamos adiante. Continue.

MARGARIDA — Ele não me perguntou nada, absolutamente nada. Mandou-me sentar perto de uma mesa e ele ficou do outro lado. Em silêncio. Baixou a cabeça, concentrou-se e eu, não sei porque, senti vontade de falar.

MIGUEL — Que foi que você falou?

MARGARIDA — Que tinha uma irmã solteira e —

MIGUEL — *(Interrompendo-a)* Procure dizer exatamente as mesmas palavras que você disse lá.

MARGARIDA — Exatamente, não me lembro.

MIGUEL — Faça um esforço.

MARGARIDA — *(Depois de pausa)* Bem, foi isto... "Senhor Rani Bhanwani, eu tenho uma irmã solteira. Gostaria de saber se ela casará ou não".

MIGUEL — E êle?

MARGARIDA — Êle?

MIGUEL — Perguntou alguma coisa?

MARGARIDA — Não. Continuou com a cabeça baixa; concentrado, eu acho. Notei que a testa dêle estava suada, as veias da fronte salientes. Parecia que êle estava fazendo um grande esforço. Depois falou.

CATARINA — O que foi que êle disse?

MIGUEL — *(A MARGARIDA)* Procure dizer exatamente as palavras dêle.

MARGARIDA — *(Breve pausa)* Êle falou com aquêle seu sotaque estranho. Disse: "Sua irmã, Emília..."

EMÍLIA — *(Interrompendo-a)* Êle disse meu nome?

MARGARIDA — Disse.

EMÍLIA — Você disse a êle que eu me chamo Emília?

MARGARIDA — Não. Não disse nome nenhum. Disse apenas "eu tenho uma irmã solteira". Mas não disse seu nome.

MIGUEL — Está bem. Adiante. Que foi que êle disse?

MARGARIDA — "Sua irmã, Emília. Solteira e bonita. Ainda nova. Fala muito que não casará. E' esta a verdade. Emília não casará". Foi somente isto. *(Noutro tom)* Adiante agora?

MIGUEL — Pelo que você conta...

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



EMÍLIA — Mas eu não acredito! Margarida pode muito bem ter imaginado tudo isso. As circunstâncias da sala, do ambiente propício, do adivinho mesmo...

MARGARIDA — A sala de consultas é uma sala como outra qualquer; não há nada que a diferencie de uma sala comum. Nem pintura, nem cortinas, nem iluminação, nada. Tudo muito comum.

EMÍLIA — E o tal do Rani Bhanwani? De turbante, colares, roupagem estranha?

MARGARIDA — Também não. Nada disso. E' um homem comum. Mais ou menos da altura de Eduardo. Sem turbante, sem colares, sem nada especial. Apenas a pele bronzeada e uns olhos verdes profundíssimos. Eu tenho impressão de que todo o magnetismo dele está nos olhos. Eu nunca vi alguém que tivesse olhar tão estranho, tão profundo, tão penetrante.

MIGUEL — Talvez esteja aí o seu segredo. Um hipnotizador.

PEDRO — De maneira alguma! Rani Bhanwani é o mais legítimo adivinho. Nenhum truque, nenhuma encenação, tudo às claras. O seu magnetismo está nos olhos. Dir-se-ia que seus olhos são como se fôsem sua própria alma.

CATARINA — Você o conhece, Pedro?

PEDRO — Conheço.

CATARINA — E não me disse nada... Como é que você o conhece?

PEDRO — Eu também o procurei.

CATARINA — Você?!

EMÍLIA — O senhor, Dr. Pedro?!

PEDRO — Espanta-se, Emília?

EMÍLIA — Naturalmente. O senhor dá a impressão de tão seguro, de tão confiante em si mesmo...

PEDRO — Eu sei... O tipo do homem que traça o seu destino, não é?

EMÍLIA — Mais ou menos... Se não fôsse o senhor mesmo quem dissesse ter consultado Rani Bhanwani, eu acho que não acreditaria.

MIGUEL — Nem eu tão pouco.

MARGARIDA — Não vejo porque.

EMÍLIA — Eu sempre pensei que os consulentes de um quiromante, um adivinho, um cartomante fôsem...

PEDRO — *(Continuando)*... fôsem mocinhas casadouras e senhoras desocupadas, não é isso?

EMÍLIA — Bem...

MARGARIDA — Quando eu fui, havia tantos homens lá na sala de espera.

CATARINA — Mas, Pedro, o que foi que você foi consultar a Rani Bhanwani?

EMÍLIA — *(A PEDRO)* Estou curiosa para saber o que teria o senhor para consultar com ele.

PEDRO — Tinha uma pergunta a fazer. Não digamos "consulta". Vocês sabem, como médico, creio que este termo não fica bem. Digamos "uma pergunta"; além de mais simples, é mais coerente.

EMÍLIA — Sabe, Dr. Pedro? Estranho que o senhor, como médico, vá fazer "uma pergunta" a um adivinho.

PEDRO — Não há nada que me incompatibilize.

EMÍLIA — Julguei que o senhor fôsse cético.

PEDRO — Em relação a Rani Bhanwani?

EMÍLIA — Sim.

PEDRO — Eu o era.



EMÍLIA — E então...?

PEDRO — Há tanta coisa em derredor de nós que não entendemos. Uns chamam fatalidade, outros destino, outros estão certos de que são mistérios.

EMÍLIA — E o senhor, como é que o chama?

PEDRO — O oculto. O desconhecido.

EMÍLIA — E acha que Rani Bhanwani tem o dom de ver o oculto, de conhecer o desconhecido?

PEDRO — Quem pode explicar? Inegavelmente ele tem qualidades excepcionais que nem eu nem vocês temos.

CATARINA — Mas conte logo a sua história. Estou louca para saber! (*Noutro tom*) O que foi mesmo que você foi consultar?

PEDRO — Perguntar, Catarina. Perguntar.

CATARINA — Mas o que foi?

PEDRO — A propósito de uma cliente minha. Não direi o nome, naturalmente. Uma senhora de trinta e cinco anos. Apareceu com uma doença cujo diagnóstico era impossível precisar. Feitos todos os exames, o resultado continuou sendo uma incógnita. Cheguei mesmo a promover uma conferência com outros médicos, os mais abalizados daqui, em número de seis, além de mim. E nós todos não pudemos ainda fazer um diagnóstico. Os colegas pediram novos exames, completos, feitos por diferentes analistas. E mais uma vez os resultados não nos levaram a nenhuma conclusão.

EMÍLIA — Uma doença nova?

CATARINA — Desconhecida?

MIGUEL — Ou uma doença para a qual os médicos eram incompetentes.

PEDRO — Isto mesmo. Nós sete éramos incompetentes para tratar desta senhora. Não conhecíamos esta doença. Os nossos conhecimentos, sobretudo o saber de seis médicos dos mais afamados daqui, eram impotentes para resolver o caso. Clinicamente, cientificamente era um caso interessantíssimo. Mas a pobre senhora estava definhando sem que soubéssemos a causa para combatê-la.

CATARINA — Uma doença desconhecida, eu já não disse?

PEDRO — Sim, isto também sabíamos nós.

EMÍLIA — E Rani Bhanwani curou-a?

MIGUEL — Naturalmente foi ele quem a salvou, não foi?

PEDRO — Calma. Eu contarei. (*Breve pausa*) Estávamos neste pé, quando ouvi falar em Rani Bhanwani. Eu também não acreditava nêlo. Mas na situação em que nos encontrávamos, qualquer coisa para salvá-la seria uma solução, sobretudo porque nós, os médicos, não poderíamos honestamente fazê-lo. E procurei Rani Bhanwani. Sem alimentar nenhuma esperança, apenas para tentar alguma coisa.

CATARINA — E ele, salvou-a?

MIGUEL — Isto nem se pergunta. Salvou-a milagrosamente!

PEDRO — Não. Não podia salvá-la, como também ninguém o podia. Mas me disse alguma coisa que me fez mudar a maneira de pensar a respeito de adivinhos.

CATARINA — O que?

MIGUEL — Vamos, diga!

EMÍLIA — Eu também quero saber!

MIGUEL — Talvez depois disso acreditemos.

PEDRO — Rani Bhanwani disse que nós, seres humanos, não temos o poder de alterar o que já está traçado; quando muito podemos conhecê-lo, mas não modificá-lo.



acrescentou... Ainda tenho as suas palavras dentro dos meus ouvidos. Lentamente, olhando-me nos olhos: "Sua cliente morrerá sexta-feira próxima exatamente às duas horas e quarenta e sete minutos".

CATARINA — E ela morreu?

PEDRO — Morreu.

MIGUEL — À hora que ele disse?

PEDRO — Precisamente. Às duas horas e quarenta e sete minutos daquela sexta-feira.

EMÍLIA — Se não fôsse o senhor que o contasse...

PEDRO — Quer dizer que já está acreditando em Rani Bhanwani como acredita em mim.

EMÍLIA — Não sei, doutor... Eu apenas não duvido de sua palavra.

MIGUEL — *(Indo a PEDRO)* Como é que você sabe que a sua cliente morreu exatamente às duas e quarenta e sete, na madrugada daquela sexta-feira? Assistiu à sua morte?

PEDRO — Queria confirmar a predição de Rani Bhanwani e fui passar aquela noite, da quinta para a sexta-feira, à sua cabeceira. Não preguei olhos, ao seu lado. Quando ela deu o último suspiro, olhei o relógio: eram exatamente duas horas e quarenta e sete.

MIGUEL — Eu não duvido quanto à morte de sua cliente; mas quanto à hora, você pode ter-se impressionado a respeito da previsão de Rani Bhanwani e ter visto no seu relógio a hora que ele dissera.

PEDRO — Posso lhe dar vários testemunhos de pessoas que não sabiam da previsão. Quer que eu peça a declaração da hora exata das pessoas que assistiram à morte?

MIGUEL — Eu acredito na sua palavra. Apenas levantei a hipótese de uma idéia fixa ou de uma sugestão de sua parte quanto à hora.

CATARINA — Está satisfeito, Miguel?

MIGUEL — Mais ou menos. Nestes assuntos, mais do que noutros, só vendo para crer.

CATARINA — Pois já devia estar bem satisfeito. Você e Emília. Provocaram êste assunto de mortes e estragaram a nossa noite. Agora não poderemos mais fazer nenhum programa.

MIGUEL — Poderemos, sim. Vamos todos a uma "boite". *(A EDUARDO)* Não foi você quem sugeriu, Eduardo?

EDUARDO — Foi, porque sabia que não iríamos.

MARGARIDA — Não iríamos?!

EDUARDO — Sim, e não iremos tão pouco.

EMÍLIA — Mas não sou eu a causadora desta resolução, sou?

EDUARDO — Absolutamente.

EMÍLIA — Vocês podem ir e não se incomodem comigo; ficarei muito bem sôzinha. Eu não quero atrapalhar vocês.

EDUARDO — Não, Emília. Não se trata disso. Esta noite seria muito melhor que não fizéssemos nenhum programa, que não fôssemos a lugar nenhum.

MIGUEL — Já sei! Você quer jogar cartas.

EDUARDO — Especialmente, não. Poderemos fazer isto enquanto esperamos.

MARGARIDA — Enquanto esperamos, o quê?

EDUARDO — Mais um convidado.

MARGARIDA — Mais um? E você não me disse nada?

CATARINA — Mas quem é?

EDUARDO — Rani Bhanwani.



MIGUEL — O quê?

EDUARDO — Sim, Rani Bhanwani em carne e osso.

MIGUEL — Ora Eduardo... *(Rindo)* Como piada é formidável!

EDUARDO — Não estou brincando. Falo sério. Estou esperando Rani Bhanwani a qualquer momento.

MARGARIDA — E você o conhece?

EDUARDO — Razoavelmente bem.

MARGARIDA — Isto eu não sabia.

CATARINA — Console-se comigo. Há uma porção de coisas da vida de Pedro que eu não sei. E ainda bem.

MARGARIDA — Mas o estranho é que entre Eduardo e eu não há segredos. Sabemos tudo a respeito um do outro. Tudo.

CATARINA — Oh, deve ser monótono!

MARGARIDA — *(Para EDUARDO)* Mas Eduardo, por que não me disse que espera Rani Bhanwani?

EDUARDO — Estragaria a noite. Eu o convidei para o jantar. Mas Rani talvez não pudesse vir, são tantas as consultas.

PEDRO — Perguntas.

EDUARDO — Possivelmente ele não poderia vir, como me disse. Rani, em todo o caso, prometeu-me —

CATARINA — *(Interrompendo-o)* Espere um pouco. Você já o trata de "Rani"?

EDUARDO — Às vezes, na intimidade.

CATARINA — Pelo primeiro nome. Sim, senhor! Íntimos.

MARGARIDA — *(Para EDUARDO)* Continue. Que foi que ele lhe prometeu?

EDUARDO — Que viria aqui em casa esta noite.

MARGARIDA — Mas como é que você faz uma coisa desta? Convida-o para vir em nossa casa e não diz nada? Não me avisa?

PEDRO — Não nos avisa. Poderíamos ter saído logo depois do jantar. Se tivéssemos feito um programa, como estava combinado fazer, já estaríamos longe daqui há muito tempo. Rani Bhanwani não nos encontraria.

MIGUEL — Além do mais, para apresentá-lo ao nosso grupo, você teria que ouvir antes a nossa opinião a respeito.

EDUARDO — Eu sabia, tinha mesmo a certeza de que todos gostariam de conhecê-lo, sobretudo agora, depois da conversa que tivemos.

MIGUEL — Todos? *(Olha para EMÍLIA)* E Emília?

EMÍLIA — Eu também, Miguel. Embora não morra de curiosidade por isto.

CATARINA — Pois eu estou que não caibo em mim. Louquinha!

EDUARDO — Bem, como Rani não poderia —

CATARINA — *(Interrompendo-o)* Não diga "Rani". Parece outra pessoa. Diga o nome todo: Rani Bhanwani. Isto sim é que é um nome para um adivinho da sua categoria! E, afinal, não é este o nome dele?

EDUARDO — Está bem. Como Rani Bhanwani não poderia vir para o jantar, convidei-o —

MIGUEL — *(Interrompendo-o)* Um momento, Eduardo? Quando é que você é tão íntimo desse tal Rani Bhanwani?

EDUARDO — Creio que não lhe preciso dar explicações sobre a minha vida.



MARGARIDA — Não custaria nada você dizer. Ou custaria?

EDUARDO — Não.

MARGARIDA — Eu gostaria de saber.

PEDRO — Todos nós gostaríamos. Haveria algum inconveniente em que você nos contasse?

EDUARDO — Absolutamente.

CATARINA — Então, conte.

MARGARIDA — Onde se conheceram?

EDUARDO — Ainda me lembro bem... Na última viagem de avião que fiz, para cá. No aeroporto já havia notado a sua presença, sem saber precisar porque. No avião, sentámo-nos juntos por mera casualidade. Depois de algum tempo de voo, pegamos uma tempestade como nunca vi. O avião jogava muito. Acho que foi por isso que entabulamos uma conversa. Confessei-lhe que tinha medo. Ele fixou-me nos olhos e disse-me, com a maior naturalidade, que não haveria motivo de receio, que o avião retornaria ao ponto de partida, esperaríamos um pouco e, quando houvesse passado a tempestade, retomariamos a nossa rota. Dito e feito. Tudo aconteceu exatamente como ele dissera... *(Noutro tom)* No primeiro momento julguei tratar-se de um homem acostumado a viagens de avião e desejoso de me acalmar. O fato é que, com êste atropêlo, tivemos bastante tempo juntos, o que nos serviu para aproximar. Depois, sabendo-o aqui na cidade, procurei-o diversas vezes e ficámos amigos.

CATARINA — Você não lhe tem feito consultas?

EDUARDO — Algumas.

MIGUEL — Sobre o quê?

EDUARDO — Coisas da vida.

MARGARIDA — Da sua vida?

EDUARDO — Em geral. Comigo êle ainda não predisse nada de especial. Coisas banais, acontecimentos corriqueiros. Mesmo assim ainda não errou uma só vez. Tenho sabido de fatos verdadeiramente sensacionais. Eu não ponho a menor dúvida quanto aos poderes de Rani.

CATARINA — Novamente Rani! Por favor, Eduardo.

EDUARDO — Mas é assim que eu o trato.

CATARINA — Chamando-o apenas de "Rani", você tira todo o encanto que diz que êle tem. "Rani Bhanwani", isto sim! Confesso que estou alucinada para conhecê-lo. *(Indo a EMILIA)* E você, Emília?

EMILIA — Eu? Por que eu, especialmente?

CATARINA — *(Rápida para EDUARDO)* Êle é casado ou solteiro?

EDUARDO — Não sei.

EMILIA — Oh, Catarina... Percebi sua idéia.

CATARINA — Mas não seria formidável?! Vejam só: Emília não acredita de maneira nenhuma em Rani Bhanwani, mas ao vê-lo, deslumbrada pelo encanto mágico do seu olhar, rende-se aos seus pés, crente e apaixonada! Não é maravilhoso?

EMILIA — Já desistiu de fazer meu casamento com Miguel?

CATARINA — Você não o ama...

MIGUEL — Mas eu ainda não perdi as esperanças.

CATARINA — Você tem muito menos encantos que Rani Bhanwani.

MARGARIDA — Você nem sequer o conhece; como pode julgar?

CATARINA — Ou então... Quem sabe se Rani Bhanwani não vai predizer o casamento de Emília com Miguel? Quem sabe?

EMÍLIA — *(Para MIGUEL)* Continuamos em foco. -

MIGUEL — Que jeito...?

CATARINA — *(Para EDUARDO)* Quando é mesmo que êle vem? Que êle chega?

EDUARDO — A qualquer momento. Como êle me disse que não poderia vir para o jantar, convidei-o para que viesse depois. Não tarda a chegar.

CATARINA — Mas a que horas?

EDUARDO — Como é que eu posso saber? Eu não sou adivinho...

(Ouve-se um toque de campainha)

MARGARIDA — A porta!

CATARINA — Êle! Deve ser êle!

EDUARDO — *(Dirigindo-se para a direita)* Eu vou.

MIGUEL — Um momento. Eu vou com você.

EDUARDO — Não precisa se incomodar.

MIGUEL — Permite que eu lhe ajude a resolver o mistério?

EDUARDO — Não há mistério algum.

PEDRO — *(Aproximando-se)* Miguel desconfia. E' natural. De nós três, é o único que não conhece Rani Bhanwani. Devemos dar-lhe a oportunidade de acreditar também.

EDUARDO — De acreditar em mim?

PEDRO — E em mim também.

MIGUEL — Eu nunca duvidei de vocês dois. Não é atoa que somos amigos há tantos anos. Eu apenas não acredito naquilo que não vejo. E eu quero ver esta história de Rani Bhanwani.

(Novamente se ouve a campainha da porta)

EDUARDO — *(Para MIGUEL)* Vamos.

MIGUEL — Obrigado.

PEDRO — Eu vou com vocês. *(Saem os três para a direita)*

CATARINA — *(Indo a MARGARIDA)* Êle é bonito mesmo?

MARGARIDA — Um dos homens mais lindos que eu já vi. O olhar então é estranho, esquisito, maravilhoso.

CATARINA — Não diga mais nada, por favor. Para mim, basta.

MARGARIDA — Foi você quem me perguntou se êle era bonito.

CATARINA — *(Para EMÍLIA)* Sabe, Emília? Êle sendo assim tão bonito, tão esquisitamente bonito, não acho bom você casar com êle. Seria um perigo! Homem bonito é pirata! Fique com Miguel mesmo.

EMÍLIA — Esta sua condescendência.

CATARINA — Miguel é razoavelmente bonito.

EMÍLIA — Mas, por favor, Catarina... Nós não estamos discutindo Miguel, nem meu casamento. Estamos apenas esperando o "esquisito" senhor Rani Bhanwani, o grande adivinho. *(Rindo)* Não é?

MARGARIDA — Estão demorando, não estão?

CATARINA — Parece...

EMÍLIA — *(Ainda rindo)* Vamos ver que o "estranho e profundo olhar" do adivinho de vocês botou por terra os nossos cavalheiros.

MARGARIDA — Não brinque, Emília. Estão demorando mais do que deviam.

CATARINA — Vamos ver o que há?

MARGARIDA — Vamos.

EMÍLIA — Eu não tenho esta curiosidade. Eu fico.

MARGARIDA — Por que não acredita?

EMÍLIA — E nem quero acreditar!

(MARGARIDA e CATARINA dirigem-se para a direita, quando pela porta dêste lado voltam EDUARDO, MIGUEL e PEDRO, trazendo êste último um envelope fechado)

MARGARIDA — Então?

CATARINA — Onde está êle?

EDUARDO — Não pôde vir.

MIGUEL — Mandou-nos uma carta.

EMÍLIA — E onde está a carta?

PEDRO — *(Mostrando-a)* Comigo.

EDUARDO — Foi trazida por um mensageiro.

PEDRO — Que não conhecia nenhum de nós três.

MIGUEL — Mas que pode muito bem ter sido arranjado por um de vocês dois. Mera combinação.

EDUARDO — Continúa não acreditando?

MIGUEL — *(Indo a PEDRO)* Quero ler a carta.

EDUARDO — *(Avançando na frente)* Eu mesmo a lerei.

PEDRO — Deixemos que Miguel a leia. *(Entrega-lha)*

MIGUEL — *(Abrindo o envelope)* Quero ver até onde vai a brincadeira que vocês armaram...

EDUARDO — Mas não é brincadeira, Miguel.

CATARINA — *(Aproximando-se de MIGUEL)* O que é que está escrito no envelope?

MIGUEL — Nossos nomes. *(Passa-lhe o envelope apenas)*
Veja.

CATARINA — *(Lendo)* "Margarida, Emília, Catarina, Eduardo, Miguel e Pedro". *(Noutro tom)* Como é que Rani Bhanwani sabia dos nossos nomes? Como é que êle sabia que estávamos aqui reunidos?

MARGARIDA — Ele sabe de tudo, Catarina.

MIGUEL — Ou Eduardo lhe teria dito que estaríamos aqui?

EDUARDO — Se alguém tivesse faltado à última hora, eu ficaria desmascarado.

MIGUEL — Ora, Eduardo... Ninguém nunca faltou aos seus convites...

EMÍLIA — *(Aproximando-se de MIGUEL)* Está bem. Agora leia. Estou ficando curiosa a respeito do que êste adivinho teria a nos dizer. Leia, Miguel.

MIGUEL — *(Depois de pausa, lendo)* "Meus caros amigos: impossibilitado de comparecer a esta reunião íntima e certo de que gostariam de saber algo a respeito de seus futuros, concentrei-me e aí vai a revelação que interessará particularmente a cada um. Como se trata de uma previsão das mais sérias, tomo a ousadia de pedir que a leitura da página seguinte seja feita com todos sentados. Cordialmente, Rani Bhanwani." *(Noutro tom)* Sentados! *(Atira a carta para PEDRO)* Aí está o que vocês queriam! *(Forte)* Vamos acabar com a brincadeira?

EDUARDO — Mas não é brincadeira, Miguel. Já lhe disse. Eu estou nisso da mesma maneira que você está. Com uma diferença; eu acredito neste homem, você não.

CATARINA — *(Indo a PEDRO)* Pedro, êle diz aí na carta que se trata de uma previsão das mais sérias, que interessará a cada um de nós em particular. O que será? Leia.

PEDRO — Vou ler.



EDUARDO — Não! Só depois de todos nós sentarmos.
(Noutro tom) Margarida.

MARGARIDA — (Sentando) Fronto.

CATARINA — (Sentando-se ao lado de MARGARIDA) Estou tremendo de curiosidade.

EDUARDO — (Sentando) E você, Pedro?

PEDRO — (Sentando) Eu também quero saber do que se trata.

EDUARDO — Emília, você?

EMÍLIA — Não acredito. Mas não serei eu que vá estragar a festa. (Senta-se próxima a MIGUEL) E você, Miguel, não senta?

MIGUEL — Prefiro ouvir a tal "revelação" de pé mesmo.

EDUARDO — Então, não a leremos.

PEDRO — E'... Temos que fazer o que Rani Bhanwani exige.

CATARINA — Miguel, vamos: sente logo! Não aumente nossa curiosidade.

MIGUEL — Está bem... (Encaminha-se a PEDRO) Mas eu mesmo quero ler. (Estende a mão para receber a carta) Posso?

PEDRO — (Olha para EDUARDO) Pode?

EDUARDO — Entregue-a.

PEDRO — (Fazendo-o) Aqui.

MIGUEL — (Olha em derredor para ver onde vai sentar).

CATARINA — Sente aqui, perto de nós.

EDUARDO — (Abrindo espaço) Prefiro que sente ao meu lado.

MIGUEL — (Senta-se) Obrigado.

CATARINA — (Depois de pausa) Leia logo, por favor! Depressa!

PEDRO — Calma, Catarina... Calma...

CATARINA — Mas eu estou louquinha de curiosidade...
(A MIGUEL) Leia!

MIGUEL — (Toma a segunda parte da carta e lê) "Meus amigos: Espero que estejam todos bem sentados porque a revelação que lhes tenho a fazer é a mais grave possível. Trata-se de um problema de vida e de morte. Naturalmente não peço que acreditem, mas ao final de tudo veremos quem estará com a razão. Preparem-se para uma notícia que é a única certeza que temos na vida: a morte. Vocês têm aproximadamente uma hora de vida. Para ser mais preciso: Vocês morrerão às — (Chocado, suspende a leitura).

PEDRO — (Avança e arrebatava-lhe a carta) A que horas?
(Olha-a sófrego).

EDUARDO — (Vai por trás de PEDRO e olha a carta) Aproximadamente... uma hora... (Olha o relógio lentamente)

MARGARIDA — Mas a que horas?! (Vai a EDUARDO, abraça-se com ele) Eduardo, a que horas diz ele?

EDUARDO — (Toma a carta das mãos de PEDRO, olha-a outra vez e passa-a a MARGARIDA) Veja!

MARGARIDA — (Trêmula, olha a carta) Tão pouco tempo...

CATARINA — Não! Não! (Corre a MARGARIDA, olha a carta na sua mão) Não é possível! Mas que horror...!
(Abraça-se com MARGARIDA)

MARGARIDA — (Abraçando-a, deixa a carta cair ao chão) Não diga nada. E' tão pouco tempo...

EMÍLIA — *(Caminha lentamente, baixa-se, apanha a carta, olha-a demoradamente, deixa-a cair novamente ao chão, olha para cada um dos outros, olha para o relógio-carrilhão)* Uma hora, aproximadamente. Talvez mais, talvez menos...

(NOTA — A partir deste momento, cada vez que o relógio-carrilhão bater os quartos de hora, os intérpretes deverão fazer uma pausa condizente com a situação e com o temperamento de cada personagem: voltam-se todos para o relógio, entreolham-se apreensivos e em expectativa, sempre em crescendo. Não importa que a cada pausa seja quebrado o ritmo do diálogo. Para o prosseguimento da representação, aconselhamos voltar atrás algumas breves linhas do texto para que se remonte o sentido da cena, se for o caso.)

CATARINA — *(Olhando o relógio)* Vejam! E' horrível!

MARGARIDA — *(Também olhando o relógio)* Quisera não acreditar!

CATARINA — Não é possível! Simplesmente, não é possível!

MARGARIDA — Deve haver algum engano!

MIGUEL — *(Vai a EDUARDO)* Eduardo, não é direito fazer o que você está fazendo! Veja as senhoras como estão! Veja Emília! Nós todos! Diga que tudo isso não passou de uma brincadeira e vamos para uma "boite". Não vamos estragar a nossa noite assim, com uma pilhéria de tão mau gosto.

EDUARDO — Quisera eu poder dizer isso... Mas não é brincadeira!

MIGUEL — Ora...! Até quando pretende você sustentar a piada?!

EDUARDO — Não há piada nenhuma! E' tudo verdade! O mensageiro! A carta! Tudo!

MIGUEL — E como é que você prova que é verdade?

EDUARDO — Eu não provo coisa nenhuma, infelizmente...

MIGUEL — E você quer que eu acredite que tudo isso não foi preparado por você, quer?

EDUARDO — Eu não quero nada.

MIGUEL — Não? Pois então, passem bem! Até logo! *(Visivelmente aborrecido, dirige-se para a direita)*

MARGARIDA — *(Num grito)* Miguel! Espere!

MIGUEL — *(Voltando-se)* O que é, Margarida?

MARGARIDA — Não vá embora. Eu sei que você não acredita, mas fique.

MIGUEL — Para continuarmos esta brincadeira mórbida? Não. Obrigado. Adeus!

MARGARIDA — Miguel!

MIGUEL — *(Vai até a porta da direita, puxa a maçaneta mas a porta não abre. Força-a e nada. Força ainda mais e a porta não cede)* Eduardo, você fechou a porta?

EDUARDO — Não. Esta porta nem sequer tem chave.

MIGUEL — E por que não abre?

EDUARDO — *(Vai até lá e tenta abrir a porta: nada)* Não compreendo... *(A PEDRO)* Quando voltamos de atender o mensageiro, você foi o último a passar, não foi?

PEDRO — Não sei, exatamente... Acho que sim... Mas não notei nada na porta.

EDUARDO — Tem certeza?

PEDRO — Absoluta. *(Vai até a porta e tenta abri-la)* Como é que você explica?

EDUARDO — Eu não explico nada.

PEDRO — *(Idéia)* Tentemos os três juntos. Talvez consigamos... *(Com EDUARDO e MIGUEL forçam a porta fazendo os três grande esforço)*



EDUARDO — Não adianta.

MIGUEL — Mas nós temos que fazer alguma coisa!

EDUARDO — Acha mesmo que poderemos?

PEDRO — E por que não?

EDUARDO — Não conseguiremos.

MIGUEL — Não custaria nada tentar alguma coisa... *(Desanimado, tem uma idéia)* A outra porta!

PEDRO — Talvez seja a nossa saída...!

MIGUEL — *(Corre à porta da esquerda e força-a)* Nada...

PEDRO — *(Aproximando-se)* Experimentemos juntos, nós dois. *(PEDRO e MIGUEL forçam a porta e nada conseguem)*

EDUARDO — Não adianta, já disse! Vocês não querem compreender a nossa situação... Para nós não há saída, lamentavelmente.

MIGUEL — Quer dizer que estamos presos aqui?

EDUARDO — Ou presos em nós mesmos.

CATARINA — Presos?! *(Num grito histérico)* Não!

PEDRO — *(Indo a CATARINA)* Catarina...

MIGUEL — Já que estamos encurralados, posso ao menos telefonar?

EDUARDO — Naturalmente...

MIGUEL — *(Vai ao telefone, põe o fone no ouvido)* Nenhum sinal. Falta de corrente.

EDUARDO — *(Toma-lhe o fone, bate no gancho repetidas vezes)* E'... Não dá sinal algum.

PEDRO — Quer dizer que não poderemos sequer nos comunicar com o mundo lá fora?

EDUARDO — Parece...

CATARINA — *(Com medo)* Pedro... Fique perto de mim... bem pertinho...

MIGUEL — *(Já menos esperançado)* A janela.

EDUARDO — Se as portas que não têm fechadura não abriam, como é que a janela...?

MIGUEL — Mas posso tentar, não posso? *(Vai ao janelão do fundo, tenta abri-lo e também não consegue)* Estamos presos! Presos!

MARGARIDA — *(Num fio de voz)* Eduardo...

EDUARDO — *(Abrançando-a)* Margarida...

MARGARIDA — Que vai ser de nós?

CATARINA — Mas nós temos que sair daqui! *(Angustiadíssima a PEDRO)* Pedro, faça alguma coisa!

PEDRO — Mas o quê, Catarina?

CATARINA — Alguma coisa! Qualquer coisa! Arrebente a porta! Quebre a janela! Venha! *(Vai até a janela)* Venha, eu lhe ajudo!

MIGUEL — *(À janela, olhando para fora)* Não adianta! Olhe a rua!

CATARINA — *(Olhando-a)* Deserta... Não há ninguém na rua... Não passa uma só pessoa... Não passa um automóvel... Nada! Nada!

PEDRO — *(Vai até CATARINA)* Catarina, não se exalte!

CATARINA — Que é que você quer? Não posso! Não posso!

PEDRO — *(Para EDUARDO e MARGARIDA)* Vocês não querem ver a rua?



EDUARDO — *(Para MARGARIDA, envolvendo-a com um braço) Vamos?*

MARGARIDA — Vamos... *(Vão para o fundo)*

(PAUSA — Os cinco estão lá, ao fundo, de costas, olhando para fora. EMÍLIA é a única que está de frente, sentada à mesa de jogo, de cabeça baixa. O telefone tilinta.)

EMÍLIA — *(Levanta-se e olha para o telefone) O telefone...! (Tem um gesto de esperança)*

(OS OUTROS, lá da janela, voltam-se e também olham o telefone. MIGUEL e EDUARDO, em destaque, entreolham-se e, quase simultaneamente, dirigem-se para o telefone) ()*

EMÍLIA — *(Ainda no seu lugar) Podem deixar. Eu atendo. (Caminha para o telefone, com a fisionomia quase radiante. Tira o fone do gancho e o coloca ao ouvido) Alô... Sim, eu mesma... Como sabe que sou eu?... Como?... Quem?... Sim... Sim... Sim... Um momento. (Para MIGUEL) Para você.*

MIGUEL — Para mim?

EMÍLIA — Querem falar com você.

MIGUEL — Quem é?

EMÍLIA — Rani Bhanwani.

MIGUEL — Ele?!

EDUARDO — Ele...!

PEDRO — Ele...

MIGUEL — Quer mesmo falar comigo?

EMÍLIA — Pediu que o chamasse.

(*) OBSERVAÇÕES — No caso da peça ter que ser representada com um intervalo, em dois atos, será este o momento indicado para o final do primeiro ato. — Para a abertura do segundo ato, aconselhamos retomar a mesma situação enquanto se ouve o tilintar do telefone.

MIGUEL — Por que eu?

EMÍLIA — Você já acredita na revelação dele?

MIGUEL — Talvez...

EMÍLIA — Temos que acreditar, Miguel. Ninguém pode sair daqui. Você mesmo experimentou as portas e a janela... Há qualquer coisa que não compreendemos, mas que temos que acreditar! *(Noutro tom) Fale com êle. (Passa-lhe o fone)*

MIGUEL — *(Ao telefone) Alô... Sim, sou eu... Não... Não... Não... Ainda há pouco o telefone não dava sin — (Interrompe-se, ouve angustiado) Não! Não! (Pausa) Isto não basta! Para mim, não basta! Eu quero mais! Mais uma prova! Mais uma só!*

CATARINA — *(Da janela e apontando para fora) As luzes da rua!*

(TODOS correm ou se voltam para o fundo: lá fora, através da janela, a iluminação vai caindo gradativamente)

MIGUEL — Não é possível! *(Olha a iluminação da sala que continua normal) Não é possível! (Corre ao telefone) Alô! Alô! (Pausa) Alô! (Bate o gancho repetidas vezes) Alô... Alô...*

(OS OUTROS aproximam-se dele lentamente)

MIGUEL — Desligou... *(Põe o fone no gancho) O telefone não dá mais sinal nenhum...*

EMÍLIA — O que foi que Rani Bhanwani lhe disse?

MIGUEL — Mais ou menos o que lhe deve ter dito.

CATARINA — Mas, o quê?

MIGUEL — Confirmou a predição, para que Emília e eu acreditássemos.

EMÍLIA — E'... Foi isso.



MIGUEL — Você já acredita?

EMÍLIA — E você...?

MARGARIDA — *(Apontando para o fundo)* Olhem! As luzes!

(TODOS se voltam para o fundo, onde as luzes de fora, da rua, apagam-se totalmente)

PEDRO — *(Depois de pausa, sentando)* Estamos ilhados...

CATARINA — *(Aproximando-se d'ele)* Pedro... Não podemos fazer nada? Absolutamente nada?

MIGUEL — *(Aproximando-se d'elles)* Sôzinhos... Estamos sôzinhos...

EDUARDO — De uma maneira ou de outra, somos criaturas privilegiadas. Sabemos quando vamos morrer... Sabemos exatamente a hora.

CATARINA — E isto adianta alguma coisa?

PEDRO — Calma, Catarina...

MARGARIDA — A hora! *(Olha para o relógio, no que é acompanhada pelos outros)* Como o tempo passa... *(Abraça-se violentamente com EDUARDO, nervosa)* Eduardo! Eu tenho medo! A sensação de que estamos com o tempo contado! A angústia de saber que estamos a um passo da morte! A certeza de que o mundo para nós não vai além destas paredes! *(Tornando-se histérica)* Não posso! Eu sei que não suportarei!

EDUARDO — Contenha-se, Margarida!

MARGARIDA — Mas eu não posso! Não está em mim! Não tenho forças! *(Noutro tom)* Eu tenho medo, Eduardo! Eu tenho medo! *(Põe-se a chorar nervosamente, alucinada)* Seria melhor que não soubéssemos a hora!

EDUARDO — *(Abala-a)* Margarida! Margarida!

MARGARIDA — *(Francamente histérica)* Não posso! Eu quero sair daqui! Eu quero ir embora! *(Faz um gesto para sair)* Embora!

EDUARDO — *(Segura-a fortemente pelos ombros e fala-lhe enérgico)* Margarida... Para quê se atormentar desta maneira?

MARGARIDA — *(Detem-se e olha-o)* Você também está com medo! Não diz, mas está! E' por causa do tempo certo...! *(Furiosa)* Você talvez possa se controlar, mas eu não! Prefiro morrer logo agora do que esperar, contando os minutos! Não posso! Não posso!

PEDRO — *(Aproximando-se)* Acalme-se, Margarida! Eu sei que as palavras agora já não valem mais nada... Em todo o caso, sinto-me no dever de manter a calma... Sejamos razoáveis: temos pouco tempo de vida, uma hora se tanto —

CATARINA — *(Cortando-o, num grito histérico)* Pedro, por favor!

PEDRO — O quê? Vamos todos nos conter, mantermo-nos calmos, equilibrados...

EMÍLIA — Ai está uma idéia sensata! A melhor coisa que temos a fazer é mantermos a nossa calma. Bravos, Dr. Pedro!

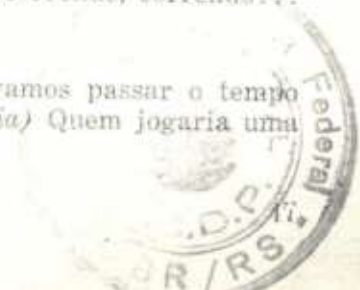
PEDRO — Não devemos deixar que a idéia da morte nos arrase, nos leve ao desespero.

CATARINA — Mas eu também não posso, Pedro! Não posso!

PEDRO — *(Indo a ela)* Faça um esforço, Catarina.

CATARINA — Para quê? O tempo vai correndo, correndo... A hora chegando!

EMÍLIA — Enquanto ela não chega, vamos passar o tempo agradavelmente. *(Com muita alegria)* Quem jogaria uma partida de cartas comigo?



CATARINA — (*Tremendo*) Por favor, Emília! Que você esteja calma, está certo. Embora eu não compreenda nem como, nem porque. Que você concorde com Pedro, vá lá! Mas assim também é demais...

EMÍLIA — Por que convidei para jogarmos?

CATARINA — Ninguém espera a morte jogando carta!

PEDRO — Ora, Catarina... (*Rindo*) E' a nossa última cartada!

CATARINA — Jogar! Jogar!

PEDRO — Pois eu acho que esta é uma grande idéia!

EMÍLIA — Aceita ser meu parceiro? Ou prefere ser meu adversário?

PEDRO — (*Sorrindo*) Nem uma coisa, nem outra. Sou avêso às cartas. Perderia.

EMÍLIA — Tem medo de perder?

PEDRO — Numa situação como a nossa, não é interessante perder... (*Noutro tom*) Mas eu seria capaz de beber alguma coisa.

CATARINA — Pedro, olhe o seu fígado!

PEDRO — Bolas para o meu fígado! Com fígado ou sem fígado, vamos todos morrer!

CATARINA — (*Com ares de histerismo*) Por favor! Não brinque com uma coisa séria assim! Você sabe que estou morrendo de medo?!

PEDRO — Há quem morra disso.

CATARINA — Não fale em morte, por favor! Se eu pudesse sair daqui, juro que o abandonaria!

PEDRO — (*Brincalhão*) Mas quem me serve uma bebida?

CATARINA — (*A PEDRO*) Como é que se pode pensar em beber na hora da morte?!

PEDRO — Catarina, compreenda uma coisa: eu quero morrer bem, o melhor que eu puder.

CATARINA — Bebendo...?!

PEDRO — Talvez até bêbedo! (*Brincalhão, para todos*) Quem me serve?

EMÍLIA — Eu.

PEDRO — Obrigado. Desculpe. Preferia que Margarida me servisse.

MARGARIDA — Eu...?! Estou que é nervos só.

EDUARDO — Vamos, anime-se. Faça um esforço. Você é a dona da casa.

MARGARIDA — (*Caminha vacilante*) Eu... O que quer: whisky ou rum?

PEDRO — Bravos! Eu tomarei qualquer coisa. Até veneno.

CATARINA — Eu prefiro chá de flor de laranjeira. (*Risos gerais*)

PEDRO — (*A uma e a outra*) Vocês duas estão se saindo magnificamente bem. Fazendo humor.

CATARINA — Não! Não é nada disso! Eu preciso mesmo de chá de flor de laranjeira para me acalmar. (*Risos gerais*)

PEDRO — Ótimo, Catarina! Você está se revelando maravilhosamente.

CATARINA — Oh, Pedro... Como é que você pode continuar brincando numa hora desta? Nenhum de nós sabe o que vai encontrar daqui há pouco... Um juiz? Ou uma porção de juizes?

PEDRO — (*Rindo*) Uma banca examinadora.

CATARINA — Como prova oral de colégio?

PEDRO — Quem sabe?



Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835

Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

CATARINA — Que horror! Véspera de exame eu não dormia de tão nervosa.

PEDRO — (*Brincalhão*) Os examinadores vão perguntar: "Em que dia foi descoberta a América?" "Qual é a raiz quadrada de trezentos e vinte e oito?" "Qual é a capital da România?" "Qual é a cor do cavalo branco de Napoleão?"

MARGARIDA — (*Entregando-lhe o copo*) Quer parar, Pedro?

PEDRO — (*Ainda em tom de brincadeira*) "E' o ovo que nasce da galinha ou é a galinha que nasce do ovo?"

MARGARIDA — (*Mais forte*) Quer parar de uma vez, Pedro?! (*Faz uma pausa dominadora*) E' curioso que você, um homem sisudo, austero, circunspecto, tenha se tornado, diante da morte, num homem tão humorista!

PEDRO — Bem humorado. Apenas isto. Eu sou um homem que se vai libertar da sua vida, da sua vidinha de rotina.

MARGARIDA — Está bem. Não precisa fazer agora uma confissão de sua vida. Seria de mau gosto.

PEDRO — E se eu insistisse?

MARGARIDA — Talvez não haja necessidade para isso. Nenhum de nós sabe exatamente o que é a morte, nem o que virá depois dela.

PEDRO — Uma libertação.

MARGARIDA — Talvez... Pode ser que aconteça, e pode ser que não aconteça coisa nenhuma, absolutamente nada.

CATARINA — (*Nervosíssima*) E' isto que eu estou pensando... E se acontecer mesmo alguma coisa? E se tivermos de enfrentar alguma coisa que não sabemos?

EDUARDO — Não há motivo para nos preocuparmos.

CATARINA — Não?! Ninguém sabe... (*Noutro tom*) Sòmente em pensar, a cabeça parece que vai explodir! (*Apontando o relógio*) Se ao menos aquêlê relógio parasse...!

PEDRO — Não adiantaria nada. O tempo continuaria correndo.

CATARINA — E é isto que é horrível! Eu sinto que vou perder a calma! E' alucinante, desesperador!

EDUARDO — Mas olhe para mim. Veja como estou calmo.

CATARINA — Demais até, Eduardo! Demais!

MARGARIDA — E'... Ninguém enfrenta a morte assim, com esta indiferença... Nós estamos esperando. Mas o quê? A morte! Com a certeza do tempo contado! Não é uma espera comum...

CATARINA — Nem sequer êle tem a impaciência normal, como quando se espera o término de uma sessão de cinema, ou o trem que se vai tomar...

MARGARIDA — Nem impaciência Eduardo deixa notar. (*A EDUARDO*) Quer que lhe diga uma coisa? Esta sua calma é pura atitude, aparência sòmente. Você tem um medo louco de viajar de avião.

EDUARDO — E' diferente. No avião existe sempre a incerteza. Agora não, é certo. Não tenho nenhuma dúvida.

MARGARIDA — Pior ainda.

EDUARDO — Não, melhor. Uma sensação de segurança.

MARGARIDA — Segurança diante da morte?

CATARINA — Que horror! Isto é sangue frio demais...! (*Mostrando o relógio*) Nem sequer a presença do relógio lembrando a passagem do tempo, e que está próxima a nossa hora...?

EDUARDO — Que é que vocês querem? Pensando melhor se tem motivos para morrer tranqüilamente.

PEDRO — (*Aproximando-se*) E você vai morrer tranqüilamente?

EDUARDO — Vou. Mais ou menos como você.



PEDRO — Eu vou me libertar.

CATARINA — (*Chegando-se a PEDRO*) Pedro, diga-me de uma vez por tódas: esta sua libertação também me inclui?

PEDRO — Numa hora desta, Catarina?

CATARINA — Sim, numa hora desta. Agora! Diga!

PEDRO — Isto é outra coisa...

CATARINA — Não! Quero que diga claramente!

PEDRO — Para quê? Não vamos morrer juntos?

CATARINA — Mas você não respondeu! Não disse!

PEDRO — Repare bem: o que é que você quer que eu lhe diga?

CATARINA — Nada! Não diga mais nada! Já compreendi tudo! Parece até que você vai morrer contente, alegre, somente porque se vai ver livre de mim!

PEDRO — Mas eu não disse isso!

CATARINA — Mas deixou entender! Para mim, basta!

EDUARDO — (*Procurando acalmá-los*) Para que isso? Que adianta isso agora? Numa hora como esta, as briguinhas domésticas já estão fora de cogitação. (*A PEDRO*) Você, mesmo, ainda há pouco estava aconselhando a ficarmos calmos; será que é você o primeiro a perder a calma?

PEDRO — Catarina é que está tentando perturbar-me!

CATARINA — Eu?! Ora, muito bem! Eis aí o que tem êle guardado para mim na horinha da morte! A grande felicidade de se ver livre de mim!

PEDRO — (*Brincalhão*) Você também pode ter esta felicidade.

CATARINA — Isto é o fim, Pedro! Então duvidar do meu amor de tantos anos? Sabe de mais? Se houvesse um meio de abandoná-lo agora, eu o faria!

PEDRO — Por que não o faz?

CATARINA — Era isso que você queria, não é? Morreria ainda mais feliz! Já estaria livre de mim!

PEDRO — Por que não o faz agorinha mesmo?

CATARINA — Ninguém pode sair daqui!

EDUARDO — Sair... (*Vai a CATARINA*) Não está compreendendo que tudo isto é pura consequência da nossa situação? Então vocês que viveram tantos anos juntos, felizes, agora, somente agora...? Vamos! Domine-se! Não deixe que os nervos tomem conta de você...

CATARINA — Eu... Eu! E Pedro?

EDUARDO — (*Indo a PEDRO*) Você também, Pedro. Devia se controlar um pouco e não criar situações desagradáveis para Catarina. (*Aos dois*) Por que não fazem como eu?

PEDRO — Como você?

CATARINA — Como?

MARGARIDA — (*Irônica*) E'... Como Eduardo! Ainda há pouco, estava dizendo que está perfeitamente seguro diante da morte; não foi, Eduardo?

EDUARDO — Foi. Eu vou morrer tranqüilamente.

CATARINA — Não acredito.

EDUARDO — Pois vejam: eu tenho a certeza do dever cumprido.

MARGARIDA — Dever cumprido?!

EDUARDO — Sim, Margarida. Acho que chegamos ao momento em que lhe devo revelar uma coisa que você não sabe a meu respeito.



MARGARIDA — Agora?!

EDUARDO — Sim, agora mesmo.

MARGARIDA — Preferiria não saber...

EDUARDO — Mas eu insisto!

MARGARIDA — E se eu lhe disser que não quero saber de coisa nenhuma? Quero morrer sem saber de mais nada! Basta o que já sei...

EDUARDO — Mas eu faço questão de lhe contar!

MARGARIDA — *(Pausa)* Uma confissão...?

EDUARDO — Talvez... Eu nunca me confessei na minha vida.

MARGARIDA — Decididamente você também está de mau gosto... *(Afasta-se)* E acontece que eu não quero ouvir nada! *(Caminha naturalmente para o lado de MIGUEL)* Não será o silêncio uma forma de confissão? Hein, Miguel?

MIGUEL — Por que não tenho dito nada?

MARGARIDA — Talvez... Falamos sempre tanto e não dizemos nada... Para que servem as palavras agora? O seu silêncio é maior... O seu crime deve ser mais sério! A sua confissão deverá ser mais profunda! Será que o seu arrependimento seria mais verdadeiro?

MIGUEL — Não entendo... Eu não tenho crimes...

MARGARIDA — Verdade? E por que diz isso assim, desta maneira?

EDUARDO — *(Tentando afastá-la)* Deixe Miguel em paz... Cada um sabe de si mesmo. Venha me ouvir!

MARGARIDA — *(Num rompante)* Mas eu não quero ouvir coisa nenhuma! Não é o momento para estas coisas! Veja! *(Aponta o relógio)* Cada vez o tempo é menor... Quer

estragar os minutos que nos restam com histórias que nada adiantam?

EDUARDO — Oh, Margarida... Não me negue o direito de um desabafo... A melhor mulher do mundo, a única mulher que eu amei na vida, você não tem o direito de me negar esta pequenina coisa que lhe peço.

MARGARIDA — Você nunca me falou assim... *(Noutro tom)* Mas agora? Neste momento? Não sei para quê...

EDUARDO — Para que você me perdoe.

MARGARIDA — Eu...? Não temos o direito de perdoar nada a ninguém, muito menos eu a você...

EDUARDO — *(Breve pausa)* Ouça-me... *(Para os outros)* Ouçam vocês também. *(Pausa)* Eu vim de muito baixo, de muito baixo mesmo... Meu pai... Meu pai era —

MIGUEL — *(Interrompendo-o bruscamente)* Cale-se, Eduardo! Para que contar estas coisas a Margarida agora? Para que todo o mundo saber disso agora?

EDUARDO — Eu tenho que contar!

MIGUEL — Eu sei de tudo que você tem para dizer. Isto não lhe basta?

EDUARDO — Não! Eu preciso que Margarida saiba! E' preciso acabar com toda esta mentira!

MARGARIDA — Mentira?!

MIGUEL — *(A EDUARDO)* Pare com isso! Para quê? Quer estragar os seus últimos instantes de vida? Quer atormentar o restinho de vida de Margarida? Deixe que ela morra em paz e morra você também em paz!

EDUARDO — Eu tenho que contar tudo, Miguel!

MARGARIDA — Eu já não quero saber de mais nada!

EDUARDO — *(Segura-a pelos ombros)* Ouça! Meu pai era lixeiro e eu, fatalmente, teria que ser lixeiro também!



MARGARIDA — Lixeiro?!

EDUARDO — Eu não queria viver apanhando as imundícies que meu pai recolhia de toda a cidade! Um ordenado miserável! Uma vida junto a tudo quanto é podre e mal cheiroso!

MARGARIDA — Você...?! Não é possível...

EDUARDO — Tínhamos, lá em casa, tanta coisa apanhada do lixo: pratos, roupas e, às vezes até, restos de comida! Era como se eu vivesse do lixo mesmo! Era da podridão que vivia e esta seria a minha vida como é a dos meus irmãos que você nunca desconfiou que eu tivesse!

MARGARIDA — Irmãos...?!?

EDUARDO — Mas fugi daquilo. Dei para cavar a vida. Foi duro. Trabalhei como um louco, desesperado. Estudei alguma coisa. Fui fazendo dinheiro até que consegui ter a minha própria fábrica. Pequena de começo, mas feita com as minhas mãos, com o meu esforço. E foi crescendo, crescendo. Subi na vida. Você já me conheceu em boa posição.

MARGARIDA — Basta! Eu não quero ouvir nada disso!

EDUARDO — Causa-lhe nojo o meu passado?

MARGARIDA — Preferiria não saber de nada disso... continuar pensando que você sempre foi o que é... um industrial honrado, rico, respeitado.

EDUARDO — Diga o resto: casado com uma das moças mais finas e mais bonitas, não é isso?

MARGARIDA — *(Com repugnância)* Você... você...

EDUARDO — Eu sou um homem feliz, Margarida! Eu fiz a minha própria vida, o meu destino. Casei com quem bem queria pelos meus próprios méritos.

MARGARIDA — Você era rico e conceituado.

EDUARDO — E o sou. Vim de baixo mais fiquei sendo digno de você que sempre foi rica, bonita, bem nascida, fidalga!

MARGARIDA — Você me enganou! Enganou a papai e a mãe!

EDUARDO — Se eu não lhe contasse isso agora...

MARGARIDA — Mentiu! Mentiu!

EDUARDO — Valeu a pena! Sinto-me compensado porque tive, como prêmio ao meu esforço, a melhor mulher do mundo que sempre me amou, que sempre me respeitou, que sempre me adorou! Também não consenti nunca que lhe faltasse alguma coisa: casa luxuosa e rica, muito dinheiro, conforto, criadagem escolhida, jóias e perfumes, vestidos caros, automóveis, tudo! Eu lhe dei tudo na vida, Margarida, porque a amo, porque a amo muito! *(Abraça-a e beija-a apaixonadamente)* Foi para lhe conseguir que fiz tudo isso!

MARGARIDA — Largue-me, Eduardo!

EDUARDO — Que mal faz? Por que estamos diante dos outros?

MARGARIDA — Não! Não é isso... Largue-me! Deixe-me em paz!

EDUARDO — Morreremos daqui há pouco... Nunca mais tocarei a sua pele branca e assetinada... Nunca mais beijarei esta sua boca maravilhosa... Nunca mais terei o prazer dêste seu corpo branco, limpo, perfumado e —

MARGARIDA — *(Empurrando-o)* Largue-me! Não me toque! Não me toque, por favor!

EDUARDO — Mas por que isso? E' nojo de mim?

MARGARIDA — Não! E' o nojo de mim mesma!

EDUARDO — De você?!



MARGARIDA — Sim, de mim mesma! (*Furiosa*) De mim mesma! Vá se embora!

EDUARDO — Não entendo...

CATARINA — (*A EDUARDO*) Deixe-a... O choque da revelação... (*Vai até MARGARIDA*) Eu compreendo... Eu compreendo tudo...

MARGARIDA — Preferia não saber de nada... E logo agora...! (*Olha para o relógio*) Oh, este relógio...!

CATARINA — Horrível, não é?

PEDRO — (*Indo a MIGUEL*) Era isto que você sabia e queria que Eduardo não contasse?

MIGUEL — Era... Teria mesmo adiantado alguma coisa...?

CATARINA — (*A PEDRO*) Eduardo e Miguel foram amigos na infância.

MIGUEL — Lixeiro. Pode dizer, Catarina. Eu fui lixeiro.

CATARINA — Não estou dizendo isso. Disse apenas que vocês dois sempre foram amigos.

MIGUEL — Não me envergonho. Fui lixeiro, como meu pai era, como meu avô havia sido. (*A EDUARDO*) Diante do que somos hoje, é até honroso ter sido lixeiro!

MARGARIDA — Parem com isso, por favor! (*Vai a PEDRO*) For favor, Pedro.

PEDRO — E' a mim que você pede?

MARGARIDA — Você é o mais ajuizado de nós todos.

PEDRO — Serei mesmo, Margarida? Agora as coisas são outras...

MIGUEL — A ocasião ou as circunstâncias?

PEDRO — O tempo. Aquêlre relógio parece que é o nosso primeiro juiz. Quem de nós não tem alguma coisa a nos acusar? Quem?

EDUARDO — Eu. O que tinha para dizer, já disse. E sabem? Sinto-me mais tranqüilo, mais à vontade, pareço até mais leve. Nunca pensei que uma confissão fizesse tanto bem... (*Noutro tom*) Agora, sou capaz de beber alguma coisa! (*Indo ao bar*) Quem me acompanha?

MARGARIDA — (*Furiosa*) Não sei como se pode ser tão simplório!

EDUARDO — Consciência aliviada.

MARGARIDA — À custa do aumento da nossa intranqüilidade!

EDUARDO — Desculpe, mas estamos numa situação de "salve-se quem puder".

MARGARIDA — Salve-se quem puder?!

EDUARDO — Sim. Cada um por si. (*Preparando uma bebida*) Acompanha-me?

MARGARIDA — Não.

EDUARDO — Você, Pedro?

PEDRO — Também não.

EDUARDO — Então, beberei sozinho. (*Toma um gole e fala satisfeito*) Aconselho a todo o mundo fazer como eu... Nunca me senti tão bem em tôda a minha vida! (*Noutro tom*) Ah, o brinde... Esqueci o brinde. (*Erguendo o copo*) À nossa saúde! (*Noutro tom*) Desculpem. Não fica bem este brinde numa hora como esta. Então... (*Ergue outra vez o copo*) Às nossas boas qualidades! *Isto!* Às nossas boas qualidades! (*Bebe*)

PEDRO — Nenhum de nós tem suficientemente boas qualidades para serem brindadas, sobretudo agora.

CATARINA — (*Enérgica*) Pedro!



PEDRO — Por que? Você tem?

CATARINA — Algumas. Sou como tôda a gente: uma criatura razoavelmente boa, capaz de boas atitudes.

PEDRO — Mas também capaz de tudo.

CATARINA — (*Zangada*) Como você!

MIGUEL — (*Aproximando-se*) Não está vendo que êle está brincando? Nós todos aqui somos criaturas adoráveis, maravilhosas.

CATARINA — Seremos mesmo, Miguel?

MIGUEL — Somos. Você, Pedro, Margarida, e até eu.

EDUARDO — (*Rindo*) Qual é a brincadeira agora? Também quero entrar.

MIGUEL — Desta, você está fora.

MARGARIDA — (*Forte*) Vocês querem parar com isto de uma vez?

EDUARDO — Por que isso, Margarida?

MARGARIDA — Não sei... Não sei...

PEDRO — Nervos...

MARGARIDA — E'... Deve ser isso. Nervos! Estou praticamente fora de mim! Já não suporto mais! (*Apontando o relógio*) E aquêle relógio que não para, que anda cada vez mais depressa...! (*Noutro tom a EDUARDO*) Eduardo, faça alguma coisa!

EDUARDO — Não há nada a fazer! Esperar...

MARGARIDA — Mas tem de haver um jeito! Eu não suporto mais! Esta espera! O tempo! O relógio! A certeza da morte que se aproxima! Eu sei que não suporto mais! (*Cada vez mais alucinada*) Não agüento! Eu enlouqueço! Sinto a cabeça arrebentar! Um mundo todo dentro de mim!

EDUARDO — Você está delirando... Está fora de si...

MARGARIDA — Antes fôsse, Eduardo... Antes tudo isso fôsse um delírio, uma mentira... (*Começa a chorar*) Eu não suporto mais...

EDUARDO — Contenha-se!

MARGARIDA — Se ao menos eu pudesse contar tudo...

EDUARDO — Você?! A mais pura de tôdas as criaturas...?!

MARGARIDA — Cale a bôca, Eduardo! Você não sabe o que está dizendo...

PEDRO — (*Aproxima-se*) Margarida...

MARGARIDA — Não interrompa, Pedro!

PEDRO — Mas, para quê?

MIGUEL — (*Aproximando-se*) Haverá mesmo necessidade?

MARGARIDA — Que importa isso agora?

CATARINA — (*Aproximando-se*) Não diga nada, Margarida!

MARGARIDA — Você também, Catarina?

CATARINA — Não estamos bem, como estamos?

MARGARIDA — E estamos bem?

PEDRO — Não vai adiantar nada.

MIGUEL — E'... Não vai melhorar coisa nenhuma.

MARGARIDA — Não?! Mas eu não posso morrer assim! O tempo que passa... Os minutos que correm... A morte se aproximando, cada vez mais, cada vez mais, cada vez mais! (*Corre a EDUARDO*) Se nós não fôssemos morrer, eu não contaria nada... Mas eu não posso! Esta coisa tremenda, horrível, que estou sentindo dentro de



mim...! Nunca pensei na morte... E agora que ela se aproxima... esta certeza à qual não podemos fugir...!

MIGUEL — *(Com um sorriso)* Margarida deve saber o que está fazendo.

CATARINA — Por que é que você está sorrindo?

MIGUEL — Ora... Encaremos a morte da mesma maneira que encaramos a vida. Para que fazer as coisas mais sérias do que elas são? A morte é uma consequência da vida.

CATARINA — Isto não explica o seu sorriso!

MIGUEL — Da mesma maneira que não se explicam as lágrimas de Margarida. *(Para MARGARIDA)* Não vá dizer que você é uma mulher que nunca chorou.

MARGARIDA — Diante dos outros, nunca. Antes tivesse chorado muito, desesperadamente... *(Pausa)* Eduardo... Lembra-se daquela vez que você teve de ir para longe, para instalar uma filial de sua fábrica não sei onde? Lembra-se?

EDUARDO — Sim, lembro.

MARGARIDA — Demorou-se um ano, não foi?

EDUARDO — Mais ou menos.

MARGARIDA — Eu sei. Agora eu me lembro exatamente. Você embarcou no dia vinte e sete de abril e só voltou no ano seguinte em princípios de maio. Não foi? Diga.

EDUARDO — Não me lembro, mas você está dizendo...

MARGARIDA — Foi. Eu me lembro. Um ano é muito tempo, Eduardo. Você nunca pensou nisso...? Os dias demoram a passar, as noites também, arrastam-se, tornam-se longos, compridos, sem fim... E o corpo da gente sente a demora dos dias e das noites... Eu senti muito a sua ausência, Eduardo... Eu senti a sua ausência no corpo, na carne... Era uma tortura que eu nunca havia sofrido antes...

EDUARDO — Mas a que vem isso agora?

MARGARIDA — Não diga nada. Deixe que eu fale... *(Nou-tro tom)* Você não sabia quando voltaria... Não me quis levar porque estaria muito ocupado. E a saudade tomando conta de todos os meus sentidos! Eu não pude resistir mais e — *(Interrompe-se)*

EDUARDO — Você?! Não acredito!

MARGARIDA — Sim, eu! Eu!

EDUARDO — Não! Você tão pura, tão boa, tão minha... Você está alucinada.

MARGARIDA — Antes estivesse...

EDUARDO — Está louca!

MARGARIDA — Louca eu estava quando me entreguei a ele... De desejo, de amor, de tudo que me faltava!

EDUARDO — Mas isto não é verdade! Não pode ser verdade!

MARGARIDA — Não?! Até um filho ele me deu!

EDUARDO — Um filho?!

MARGARIDA — Sim, aquele que você nunca me quis dar... Para não me estragar o corpo, para não me envelhecer para não me tornar feia aos seus olhos!

EMÍLIA — *(Que veio acompanhando de longe as últimas cenas, levanta-se e vai até MARGARIDA)* Margarida...

EDUARDO — *(Para MARGARIDA)* Onde está este filho?

MARGARIDA — *(Pausa)* Morreu.

EDUARDO — Você está mentindo!

MARGARIDA — *(Alucinada)* Morreu! Morreu...

EDUARDO — O homem?

MARGARIDA — *(Um tanto ausente)* Hein?



EDUARDO — E o homem? O seu amante?!

MARGARIDA — Não sei...

EDUARDO — Você sabe, sim! Onde está o seu amante?!

MARGARIDA — Morreu também... Passou! Acabou-se!

EDUARDO — Quem era êle?

MARGARIDA — Não sei... Já não me lembro... Não lembro mais nada...

EDUARDO — Mentira! Mentira!

MARGARIDA — Não! E' verdade! E' tudo verdade! (*Noutro tom*) Seria mais fácil continuarmos mentindo, mentindo...

EDUARDO — Quem era êle? Vamos, diga! (*Dá-lhe uma bofetada*) Confesse tudo! Já que começou vá até o fim! Quem era êle? (*Levanta a mão para outra bofetada*)

EMÍLIA — (*Interrompendo-o, firme*) Eduardo!

EDUARDO — Não se meta!

MARGARIDA — Bata-me mais, Eduardo! Eu preciso tanto ser castigada...

EDUARDO — (*Levantando a mão para bater-lhe*) Canalha!

PEDRO — (*Impedindo-o*) Eduardo, contenha-se!

EDUARDO — Ora, Pedro... Não há defesa para uma mulher como Margarida! A sua baixeza! A sua miséria!

PEDRO — Não lhe bata mais!

EDUARDO — Tenho ímpetos de matá-la!

PEDRO — Que adianta isso agora? Vamos todos morrer daqui a pouco...

EMÍLIA — (*Amparando MARGARIDA*) Eu não sabia... Eu não sabia de nada... Por que você não me contou?

CATARINA — (*Também ajudando MARGARIDA*) Eu nem sei o que lhe diga, Margarida... Mas eu devo dizer alguma coisa...

MARGARIDA — Não diga nada.

EMÍLIA — (*A MARGARIDA*) Mas por que você não me contou nada?

CATARINA — (*A MARGARIDA*) Para que você fêz isso agora? (*Olha o relógio*) Veja! Cada vez temos menos tempo... A hora se aproximando... Nada disso nos adianta para a morte...

MARGARIDA — Não...? Eu tinha que dizer tudo... Não podia!

EDUARDO — (*Perto de PEDRO, como se falasse para si mesmo*) Ver ruir por terra todo o sonho de tantos anos... Onde eu pensava que houvesse pureza, aí está o que encontro! Se eu lhe tivesse negado alguma coisa... Mas tudo eu lhe dei! Tudo o que meu dinheiro podia dar! (*Noutro tom*) Eu não sou culpado! Você sabe que eu não sou culpado! Você sempre foi meu amigo, você sabe.

PEDRO — Nem tudo o dinheiro compra...

EDUARDO — Também me acusa?

PEDRO — Nenhum de nós tem o direito de acusar quem quer que seja. Somos todos culpados.

EDUARDO — (*Idéia*) Você sabe quem era êle?

PEDRO — (*Vacila*) Eu...

EDUARDO — Não me engane, Pedro! Diga a verdade!

PEDRO — Que verdade?

EDUARDO — A verdade! Tudo! Por pior que seja, eu quero a verdade inteira, completa! Diga!



PEDRO — *(Breve pausa)* Não posso.

EDUARDO — E você se diz meu amigo...

PEDRO — Exatamente por isso é que não lhe posso dizer.

EDUARDO — Belíssima amizade, a sua, Pedro! Pena que eu só a descobrisse agora... tão tarde... exatamente quando vamos morrer.

MARGARIDA — *(Avançando para EDUARDO)* Não o culpe... E perdoe-me!

EDUARDO — Você...!

MARGARIDA — Somos humanos... Somos todos humanos...

EDUARDO — Isto não justifica o seu procedimento ordinário!

CATARINA — *(Intrometendo-se)* Eduardo, quer deixar Margarida em paz?

EMÍLIA — Não basta o que ela está sofrendo?

EDUARDO — *(Para todos)* Vocês estão combinados contra mim! Minha cunhada! Meu melhor amigo! A mulher de meu melhor amigo! Minha própria mulher! Todos juntos, contra mim! Eu só quero a verdade! A verdade!

MIGUEL — *(Aproxima-se pelas costas dele e põe-lhe a mão no ombro)* Eduardo...

EDUARDO — *(Volta-se)* Que é? Você sabe?

MIGUEL — Sei.

MARGARIDA — *(Correndo a MIGUEL)* Não! Por favor, Miguel, não diga!

EDUARDO — *(Empurrando-a)* Por que não? Eu quero saber!

MARGARIDA — *(Abraçando-se com EDUARDO, mas falando para MIGUEL)* Não! Não, Miguel! E' como se me

tirassem a roupa no meio da rua... e eu ainda tenho pudor.

EDUARDO — *(Afastando-a violentamente)* E é você quem fala em pudor?

MARGARIDA — *(Apoiando-se em um móvel)* Miguel!

CATARINA — *(Amparando-a)* Pobrezinha...

EMÍLIA — *(Também amparando-a)* Margarida.

EDUARDO — *(Para MIGUEL)* Não lhe dê atenção. Está delirando. Vamos, fale!

MARGARIDA — *(Cortante)* Não! Não!

MIGUEL — *(Faz uma pausa)* O amante de Margarida... fui eu.

EDUARDO — Você?!

EMÍLIA — *(Num sussurro)* Miguel...!

EDUARDO — *(Avança para MIGUEL)* Canalha! Canalha!

MARGARIDA — *(Num grito)* Não o mate!

MIGUEL — *(Contendo EDUARDO, com superioridade)* Eu sei que você não me matará, porque você não tem autoridade moral para o fazer! *(Empurra-o)* Você também é um canalha! *(Ajeita cingicamente a gravata)* Abandonou a esposa jovem, bonita, louca de amor, tôda sexo e apaixonada por você! E para quê? Para fazer dinheiro! Para fazer fortuna! Você sempre só teve um pensamento: ser rico, ganhar cada vez mais! Uma obsessão! Uma loucura! Dinheiro em troca de uma mulher como Margarida!

MARGARIDA — *(Erguendo-se)* Basta, Miguel!

CATARINA — *(Ajudando MARGARIDA)* Levante-se.

EMÍLIA — *(Idem)* Vamos sentar...

EDUARDO — *(Para MIGUEL)* Canalha! Você não passa um canalha!



MIGUEL — *(Com um sorriso)* Somos ambos canalhas... Ou você pensa que eu já me esqueci do dia em que ficámos amigos? A trôco de quê?

EDUARDO — Eu já lhe expliquei tudo há muito tempo!

MIGUEL — Fazer dinheiro, mesmo que fôsse roubando! Para que tanta respeitabilidade, tanta honradez, tanta dignidade agora, se você sempre foi um ladrão?!

MARGARIDA — Ladrão?!

EMÍLIA — Eduardo?!

CATARINA — *(Horrorizadíssima)* Ladrão mesmo?!

MIGUEL — Ou vocês pensam que a fortuna dêle é honesta? Ninguém faz tanto dinheiro assim, tão rapidamente...

EDUARDO — E você, por acaso, também não é ladrão?

MIGUEL — *(Com um sorriso)* Por que lhe roubei a mulher?

EDUARDO — Cínico!

MIGUEL — Talvez... por mera vingança. O primeiro emprêgo decente, que era meu por justiça e por direito, você tirou de mim, na sua ânsia de subir na vida e de fugir da pobreza. Lembra-se disso?

EDUARDO — Eu já lhe expliquei.

MIGUEL — Talvez não baste a explicação para quem tem a consciência culpada. Quem sabe se não foi tentando reabilitar-se e procurando acomodar a culpa na consciência que você, anos depois, me convidou para seu sócio?

EDUARDO — Sempre fomos amigos.

MIGUEL — E sempre fomos canalhas. Iguaisinhos, não é, Eduardo? Ladrões um do outro... Somente eu não sou egoísta.

EDUARDO — Ora, cale a boca!

MIGUEL — Não queria saber? Agora ouvirá tudo.

PEDRO — *(Aproximando-se dos dois)* Vamos acabar com isso... Não há motivo. E' tudo um malentendido banal... *(Noutro tom)* Falemos noutra coisa.

MIGUEL — *(Debochadamente)* Eu também tenho necessidade de desabafar.

PEDRO — Não seja cínico!

MIGUEL — Eduardo fez uma bellissima confissão... Margarida também já disse tudo quanto guardava secretamente... Agora é a minha vez!

CATARINA — *(Indo a PEDRO)* Se a coisa continua, também nós teremos que fazer confissões?

PEDRO — Não brinque, Catarina. Há muito que as brincadeiras ficaram para trás... *(Aponta o relógio)* Veja!

CATARINA — *(Aterrorizada)* Que horror! Já tinha quase me esquecido dêste maldito relógio...! Parece que anda mais depressa que... nem sei o quê!

PEDRO — Não é culpa do relógio... Está em nós, dentro de nós... Nunca percebemos exatamente o valor do tempo e deixamos que êle passe, ou o matamos, ou o esqueçamos... Sômente agora é que começo a compreender o verdadeiro valor do tempo...

CATARINA — Eu também...

PEDRO — Sobretudo, do tempo perdido.

CATARINA — Exatamente quando não temos mais tempo para nada. *(Abraça-se com êle)* Pedro, eu estou com mais medo ainda. Cada vez que olho para o relógio, sinto que o medo cresce, aumenta... E' tremendamente horrível!

PEDRO — Quer ficar quieta no seu canto? Vá ajudar a Margarida! Vá cuidar de Margarida!

EMÍLIA — *(Indo buscar CATARINA)* Venha, Catarina. Vamos sentar um pouco.



CATARINA — E' melhor mesmo... Estou arrasada! Não agüento mais... *(Senta-se)* Nunca pensei que teria de morrer assim, desse jeito... Que maneira de se morrer!

EMÍLIA — No nosso caso é a melhor. Vamos morrer bem, pelo menos confortavelmente.

CATARINA — *(Admirada)* E você vai morrer bem?

EMÍLIA — Acho que sim. Estou recebendo a morte com naturalidade...

CATARINA — Espantoso!

MARGARIDA — Por que? Eu já estou dominando a idéia da morte. Depois de ter dito tudo, estou me sentindo mais calma. Como Eduardo.

EDUARDO — Eu é que não estou mais calmo. Você me tirou a calma.

MARGARIDA — *(Rindo)* Eu...?!

EDUARDO — Também está ficando cinica? *(Aponta MIGUEL)* Como êle?

MIGUEL — *(Com um sorriso)* Fosso falar agora?

EDUARDO — Eu não quero ouvir mais nada!

MIGUEL — *(Empurrando-o numa poltrona)* Mas tem que me ouvir! Sente-se aí e ouça!

EDUARDO — Com que ousadia...?

MIGUEL — Tenho que me explicar.

EDUARDO — Não quero suas explicações!

MIGUEL — *(De cara para êle)* Não...? Você, longe de Margarida, eu vinha a sua casa, na qualidade de amigo, mas sobretudo porque Emília insistia comigo para que eu viesse.

EDUARDO — *(Para EMÍLIA)* Você?!

EMÍLIA — Eu não sei de nada...

MIGUEL — *(Para EMÍLIA)* Não se faça de inocente agora! Quantas vêzes você esteve lá na fábrica pedindo para que eu viesse aqui? Quantas?

EMÍLIA — Não me lembro... Algumas.

MIGUEL — Diversas. Muitas vêzes. Que vocês duas estavam muito sós, sem distrações. Que eu aparecesse para levá-las a passear, ou ao cinema, ou ao teatro. E quando eu aqui chegava, você tinha sempre uma desculpa para desaparecer... Qualquer coisa na cozinha, estudos, sei lá o que...! *(Noutro tom)* E eu vinha por sua causa.

EMÍLIA — Por minha causa?!

MIGUEL — Sim, eu gostava de você. A sua pureza, a sua inocência. Mas era muito sintomático que você me fôsse pedir para vir, alegando que precisavam de mim, que sobretudo Margarida precisava de mim, e quando aqui chegasse você me deixasse a sós com ela. Era muito fácil compreender.

EMÍLIA — Compreender, o quê?

MIGUEL — A sua intenção.

MARGARIDA — *(A EMÍLIA)* O seu plano.

EMÍLIA — Não sei a que é que vocês se referem... Eu não tinha nenhum plano, nenhuma intenção... A não ser, distraírm-nos um pouco. Sômente isso.

MIGUEL — Quer dizer então que nunca pensou em me atirar Margarida nos braços?

EMÍLIA — Não! Nunca! Nunca tive esta intenção!

MARGARIDA — Ora, Emília... Estava muito claro que você, vendo-me triste e sôzinha, quisesse me entregar a Miguel...

EMÍLIA — Não, Margarida... Não!



MARGARIDA — E por que era que você me deixava com Miguel? Por que?

EMÍLIA — Nunca pensei que pudesse acontecer uma coisa desta, nunca me passou pela cabeça uma tal idéia. Nunca! Miguel tão amigo de Eduardo. E você, Margarida, tão... tão boa... Eu confiava em você, nem sequer podia suspeitar... Nem sei como é que vocês querem me envolver...

MIGUEL — Foi você quem nos aproximou, um do outro.

MARGARIDA — Quem nos deu a idéia.

MIGUEL — Quem preparou tudo.

MARGARIDA — E quando nos demos conta do que você havia feito em relação a nós dois, já éramos o que fomos.

EMÍLIA — Não! Eu não sabia de nada! Nunca pensei uma coisa assim! Não poderia nunca armar uma coisa dessa, pensar que isto pudesse acontecer! Não armei nada! Nada! Foram as circunstâncias, as coincidências.

EDUARDO — E você quer que acreditemos na sua inocência?

EMÍLIA — Quero! Faço questão! Eu estou inocente! Inteiramente inocente! Eu não ia fazer uma coisa desta com você, Eduardo! Não poderia! Nem saberia como! E por que haveria eu de fazer?

MARGARIDA — Ora... As cartas de Eduardo falavam tanto em você. Ele sempre se interessou demais pelos seus estudos, pela sua saúde, tudo. Você também era tão dedicada a ele, tão carinhosa, tão especialmente interessada por ele... Por que não poderia ser apaixonada?

EMÍLIA — Por Eduardo? Eu?!

MARGARIDA — Sim, você mesma! Não se faça de santa agora! Você também escrevia cartas a ele! Cartas apaixonadas!

EMÍLIA — Amizade, puramente. Cartas de irmã!

MARGARIDA — Eu consegui ler algumas. Você não precisa dizer mais nada!

EMÍLIA — Mas eu não tenho culpa nenhuma! Nenhuma! *(Vai a EDUARDO)* Eduardo, você sabe como eram as minhas cartas... Diga! Eram apaixonadas?

EDUARDO — Agora, eu começo a compreender tudo claramente...

EMÍLIA — *(Quase fora de si)* Não! Não, Eduardo!

MARGARIDA — Não precisa se exaltar, Emília. E' tudo muito simples: as suas cartas para Eduardo, os convites que você fazia a Miguel para ele vir aqui em casa...

EMÍLIA — Mas não havia esta intenção! Eu nunca pensei nisto! *(Vai a MARGARIDA)* Nunca pensei que você fôsse capaz de uma coisa desta! Acreditar que eu tivesse preparado tudo! Não, Margarida! Você sabe que eu não era capaz de uma coisa desta! Você sabe!

MARGARIDA — O que eu sei é que você soube preparar tudo muito bem.

EMÍLIA — Não! Não! Eu não tenho nenhuma culpa! Nenhuma!

MIGUEL — *(Indo a ela)* Não adianta gritar agora. Ninguém lhe acredita.

EMÍLIA — Oh, Miguel... Você disse que vinha aqui para me conquistar, atraído pela minha inocência... Por que não acredita?

MIGUEL — Antes! Antes de tudo isso acontecer, eu acreditava. Depois, as coisas passaram a ser outras e eu percebi exatamente o que você é. Igual a nós, ou pior até!

EMÍLIA — E' isso o que você pensa de mim?

MIGUEL — E serei eu só...?



MARGARIDA — Eu também. Ou você esperava que, depois de tudo, continuássemos pensando que você é a melhor criatura do mundo?

EMÍLIA — Não sou a melhor criatura do mundo, mas não tenho culpa nenhuma! Eu estou inocente! Estou completamente inocente! (*Exaltando-se*) Vocês têm de acreditar em mim! Foi tudo coincidência! Eu estou inteiramente inocente! (*Vai a EDUARDO*) Eduardo, você sabe que estou inocente, não sabe? Eu não seria capaz de fazer uma coisa desta, contra Margarida, contra você! Você sabe que eu não faria, não sabe? Que eu não seria capaz de fazer! Nem sequer tinha razões para isso...

MARGARIDA — Não? E as suas cartas apaixonadas para Eduardo?

EMÍLIA — (*Para EDUARDO*) Não é verdade! Não acredite!

MIGUEL — (*Indo a EMÍLIA*) E os convites insistentes que você me fez?

EMÍLIA — Não havia nenhuma outra intenção! Nunca houve! Nunca!

MIGUEL — Ninguém lhe pode acreditar... E' tudo tão simples, tão claro. Por outro lado, Margarida triste, acobrunhada... Pedro é médico, pode dizer se era verdade ou não. (*A PEDRO*) Hein, Pedro?

PEDRO — Verdade. (*A CATARINA*) Até comentamos uma vez sobre isso, não foi, Catarina?

CATARINA — Foi. Mais ou menos nesta época, quando Margarida estava assim abatida e que Pedro havia dito que era falta de amor, eu comentei a opinião de Pedro com Emília. (*A EMÍLIA*) Lembra-se?

EMÍLIA — Não...

EDUARDO — (*Para EMÍLIA*) Quer dizer ainda que você sabia que Margarida estava precisando de amor!

EMÍLIA — Não! Não, Eduardo! (*Chora*) Parece que vocês todos estão combinados para me atormentarem, para me atordoarem cada vez mais! Eu estou inocente! Inocente!

CATARINA — (*Para MARGARIDA, referindo-se a EMÍLIA*) Pobrezinha...

MARGARIDA — Não a lamente, Catarina. Eu me vi envolvida numa teia armada por ela, esta é que é a verdade!

EMÍLIA — Você não pode dizer uma coisa desta, Margarida! Não pode! Eu não tive nenhuma intenção disso! Não houve nenhum propósito! Foi tudo mera casualidade!

MARGARIDA — Para que continuarmos mentindo? Sejamos sinceros!

EMÍLIA — Eu estou sendo sincera! Eu sempre o fui!

MARGARIDA — Por que não diz toda a verdade? Há de trazer muita calma.

EMÍLIA — Eu não posso mentir para lhe satisfazer... E quanto à calma, eu já não tenho! (*Furiosa*) Vocês devem estar satisfeitos!

PEDRO — (*Enérgico*) Vamos deixar Emília em paz? Vejam a que estado vocês a levaram...

EMÍLIA — O senhor acredita em mim?

PEDRO — Que adianta isso agora, Emília? Cada um tem as suas culpas e a sua consciência...

EMÍLIA — Mas eu estou inocente, Dr. Pedro! Inocente!

MARGARIDA — (*Indo a EMÍLIA*) Afinal de contas eu não a odeio, nem sequer condeno o que você fez por mim e por Miguel...

EMÍLIA — (*Interrompendo-a*) Eu não fiz nada! Se o fiz, foi inconscientemente!

MARGARIDA — Mas fez... E graças a você é que pude reconhecer o verdadeiro amor e ser realmente amada!



EDUARDO — Cale-se, Margarida! Você está louca!

MARGARIDA — E' o que sempre fui, sem saber.

MIGUEL — Você parece que perdeu a razão!

MARGARIDA — Oh, Miguel... Também quer que eu me cale? Não! Estou cansada de ser hipócrita! De mentir! De fingir amor a um homem que eu não amo! (*Atirando-se para MIGUEL*) Beije-me!

MIGUEL — Margarida!

EDUARDO — (*Puxando MARGARIDA*) E a sua dignidade?

MARGARIDA — Agora? A uma hora desta?! Não se tem mais dignidade, nem se respeita mais nada!

EDUARDO — Você está inteiramente fora de si!

MARGARIDA — Talvez... Talvez agora é que esteja lúcida! Inteiramente lúcida, consciente de tudo! (*Noutro tom*) Quer saber de mais? Você não tem o direito de exigir nada mais de mim! Nada! O meu amor por você acabou no dia do nosso casamento, naquela noite mesmo! Depois disso eu não o poderia amar nunca! Você nunca me quis dar um filho!

EDUARDO — E a nossa combinação?

MARGARIDA — Não ter filhos? Isto lhe satisfazia, não era, Eduardo? E eu? Eu que nunca disse nada, que nunca reclamei nada, que nunca fui inteiramente satisfeita no amor? Eu também não tinha direitos?

EDUARDO — Mas...

MARGARIDA — Diga!

EDUARDO — Margarida...

MARGARIDA — Não tem coragem de dizer... Eu tinha êsse direito, Eduardo! Eu tive! Eu fui mãe! E o filho que se criou dentro de mim, era também o filho de Miguel!

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

EDUARDO — E onde está êste filho? Onde?

MARGARIDA — Morreu, eu não lhe disse?

EDUARDO — Mentira!

MARGARIDA — (*Pausa*) Eu o matei... (*Chora nervosamente*)

EDUARDO — Você?!

MARGARIDA — Sim, eu! Eu o matei...! (*Chora mais nervosamente*)

EDUARDO — Você fez isso?

MARGARIDA — Fiz... Por sua causa, Eduardo... Meu filho não poderia viver, por sua causa! Você nunca poderia saber que êle existia! Nunca! Por êle você saberia do meu amor! E antes que êle devesse nascer, foi morto, dentro de mim mesma ainda! Eu mandei matá-lo.

EDUARDO — Você teve esta coragem?

MARGARIDA — Tive a covardia de o fazer...!

EDUARDO — Para que êste filho não deformasse o seu corpo, para que êle não o estragasse...?

MARGARIDA — Não! Para que ninguém soubesse! Para que você não soubesse de nada! Por sua causa, Eduardo! Por sua causa!

EDUARDO — Por mim...? Então você me amava!

MARGARIDA — Não!

EDUARDO — Isto prova que você me amava!

MARGARIDA — Não, Eduardo... Talvez por respeito. Mas era ódio! Ódio somente! E cada vez mais que o meu filho crescia, eu o odiava mais!

EDUARDO — De qualquer maneira, foi coragem sua.



MARGARIDA — Não! Foi covardia, baixesa, miséria. Hoje eu vejo que não deveria ter feito, não adiantou nada... Foi pior do que se matasse alguém pelas costas... Pior!

EDUARDO — Foi bom porque você continuou como antes. O corpo sempre bonito!

MARGARIDA — Eu nem sei, Eduardo... Sofri tanto... no corpo... neste meu corpo que você gaba tanto! Fui bem castigada! (*Vai a CATARINA*) Lembra-se, Catarina, quanto eu sofri?

CATARINA — Horrores! (*Noutro tom*) Mas por favor! Vamos acabar com isso? Eu não suporto mais! (*Aponta o relógio*) Vejam! O relógio!

EDUARDO — (*Avançando para CATARINA*) Então você sabia de tudo?

CATARINA — (*Um pouco fora de si*) O relógio continua andando, andando...

EDUARDO — (*Abalando-a*) Catarina: diga! Você sabia? Sabia?

CATARINA — O quê?

EDUARDO — Margarida e Miguel? Você sabia de tudo, não era?

CATARINA — Sabia. Somos muito amigas.

EDUARDO — Quer dizer que você sempre soube de tudo a respeito deles?

CATARINA — Mais ou menos... Desde o começo, não. Depois que apareceu o filho.

EDUARDO — E como é que soube? Margarida lhe contou!

CATARINA — Não, não foi ela!

MARGARIDA — Mas eu lhe contei.

CATARINA — Quando você me contou, eu já sabia. Emília me havia procurado.

EMÍLIA — Eu, Catarina?!

CATARINA — Sim, você mesma!

EMÍLIA — Não compreendo... Eu só soube de tudo entre Margarida e Miguel aqui, esta noite! Eu só soube da existência deste filho ainda há pouco! Nunca soube que Margarida tivesse ficado esperando criança!

CATARINA — E quando você foi lá em casa, dizer o estado de Margarida? Lembra-se? Os enjôos, o mal-estar.

EMÍLIA — Pensei que fôsse uma doença qualquer. Nunca tinha visto, na intimidade, uma mulher neste estado. Pensei que se tratasse de uma doença comum.

CATARINA — Na sua idade, tal inocência?

EMÍLIA — Eu não sabia de nada... Pensei que fôsse uma doença qualquer. Talvez mesmo, vesícula. Margarida já havia sofrido disso. Ficava mais ou menos assim, enjoada, sentindo-se mal. Pensei que fôsse isso, apenas isso. Eu me lembro que eu mesma disse a Margarida para procurar um médico, para ver o que era e ficar boa.

MARGARIDA — Exatamente. Foi você quem me deu a idéia.

EMÍLIA — Que idéia?

MARGARIDA — A de extrair meu filho.

EMÍLIA — Eu?!

MARGARIDA — Sim, você mesma. Que eu não podia continuar assim, que Eduardo não tardaria a chegar e naturalmente, não gostaria de me encontrar assim.

EMÍLIA — Doente. Eu pensava que você estivesse apenas doente. Vesícula. Nada mais. Eu até me lembro que falei a você em vesícula. A sugestão que lhe fiz foi procurar um médico e tratar-se disso.



MARGARIDA — Pois é. Você sugeriu procurar um médico.

EMÍLIA — Para se tratar. Para ficar boa.

MARGARIDA — A idéia foi sua. Eu nunca antes tinha pensado numa solução desta. Mas foi você quem me deu a idéia.

EMÍLIA — Quer me acusar disso também? (*Noutro tom*) Como lhe poderia dar a idéia de extrair o seu filho, se nem sequer eu sabia que você estava grávida?

MARGARIDA — Ora... Depois do que você arranjou entre Miguel e eu, fiquei sabendo que você é muito mais esperta do que pensava... Não se faça mais uma vez de inocente, que você tem a sua responsabilidade no caso... E, além do mais, não estou acusando ninguém. Se você se sente culpada, é porque é mesmo!

EMÍLIA — Não! Não tenho culpa nenhuma! Eu apenas sugeri o médico...

MARGARIDA — E foi isso que eu fiz!

EMÍLIA — Você está tentando me envolver também nesta história! Mas eu não tenho nenhuma culpa! Estou inocente! Nada tenho a ver com este seu filho, nem com o resto!

MARGARIDA — Então, por que diz isto assim, desta maneira? Nem você mesma tem confiança, nem você mesma acredita mais na sua inocência...

EMÍLIA — (*Desesperando*) Oh, por favor! Deixe-me em paz...! (*Chora*)

MARGARIDA — As lágrimas agora já não adiantam mais nada... O que foi feito, foi feito.

EMÍLIA — (*Chorando*) Mas eu estou inocente... inocente...

MARGARIDA — (*Com um sorriso sarcástico*) Belíssima inocência, a sua. Faz tudo quanto é mau, sem saber de nada, com a melhor das intenções.

CATARINA — (*Aproximando-se*) Deixe-a... A culpa maior é nossa.

MARGARIDA — Você era a única amiga em quem podia confiar. Lembra-se de quando você veio aqui? Eu lhe contei tudo, tudo!

CATARINA — Eu já sabia.

MARGARIDA — Precisava de você e sabia que teria o seu apóio. (*Para EDUARDO*) Eu estava disposta a tudo, contanto que aquele filho não aparecesse. Pedi a Catarina que fôsse comigo... a um lugar.

EDUARDO — Que lugar?

MARGARIDA — Oh, Eduardo...

EDUARDO — (*Para CATARINA*) Que lugar, Catarina?

CATARINA — Um lugar... uma casa... uma casa onde fabricam anjos. Um horror!

MARGARIDA — Mas não tive coragem. Era sórdido! Não suportaria aquilo e daquela maneira!

CATARINA — Eu mesma, quando vi, fiquei horrorizada. Não era possível! Eu não poderia consentir!

MARGARIDA — Por isso, ousei... ousei pedir a Catarina para que pedisse a Pedro.

EDUARDO — E Pedro fez!

PEDRO — Fiz, Eduardo. (*Vacila*) Por você.

EDUARDO — (*A MARGARIDA*) E por que não pediu diretamente a ele?

MARGARIDA — Seu melhor amigo... Não poderia encarar-lo, assim, de partida. Catarina me ajudou. Falou com Pedro, arranjou tudo.

CATARINA — Pode dizer: fui sua cúmplice. E' exatamente isto que me atormenta agora. Eu também matei o seu filho! E o pior é que eu tinha perfeita consciência do que estava fazendo! E' horrível! E' horrível! E é com este pêso que vou encarar a morte... *(Olha o relógio)* O tempo! Falta pouco! Muito pouco!

MARGARIDA — *(Olha-o também)* Não! Não é possível! Como é que passou tão depressa?

MIGUEL — *(Sorrindo)* Quem sabe? Talvez o relógio esteja adiantando.

EDUARDO — Êste relógio sempre funcionou direito.

CATARINA — Tem certeza?

PEDRO — Já não temos certeza de mais nada, Catarina.

EDUARDO — Temos, sim... da morte que se aproxima inexoravelmente... *(Noutro tom)* Pedro, temos muito pouco tempo... Diga-me: por que foi que você consentiu em fazer aquilo com o filho de Margarida?

PEDRO — Qualquer um faria.

EDUARDO — Isto não é razão!

PEDRO — Se você tivesse visto o estado de nervos de Margarida, não me perguntaria agora. O desespero dela era tremendo com receio de que você viesse a saber de tudo.

EDUARDO — Então, foi por isso?

PEDRO — Imaginava, também, o que seria de vocês, de você e dela, quando você viesse a descobrir.

EDUARDO — Quer dizer que fez deliberadamente?

PEDRO — Sim. Para não estragar a ilusão de felicidade que você tinha.

EDUARDO — E valeu alguma coisa?

PEDRO — Valeu. Vocês continuaram vivendo felizes.

MARGARIDA — Vocês, não. Eduardo, somente. Eu vivia atormentada, com a culpa dentro de mim, por ter morto uma criaturinha que nenhum mal havia feito a ninguém...

EDUARDO — *(Para PEDRO)* Um assassino, Pedro! Um assassino!

MARGARIDA — Não o culpe, Eduardo. A culpa é somente minha. Fui eu que pedi, eu mesma quis. Eu mesma!

CATARINA — Ainda me lembro do seu embaraço em falar comigo um assunto assim para que eu falasse com Pedro. E eu falar com êle...! Fiquei cheia de dedos, não sabia o que fazer. Pedro é um homem de princípios, de caráter, nunca que êle concordaria.

MARGARIDA — As minhas lágrimas devem tê-lo convencido.

CATARINA — Ou a maneira insistente como eu lhe pedi que o fizesse.

MIGUEL — *(Adiantando-se)* Ou a pequena fortuna que lhe dei em troca.

MARGARIDA — Você?!

MIGUEL — Era a nossa única saída.

EDUARDO — E onde conseguiu êste dinheiro? Na fábrica?

MIGUEL — Lá mesmo. Uma soma que você nunca deu por falta. E' fácil fazer uma alteração na escrita, sobretudo quando o chefe está longe.

EDUARDO — Miserável!

MIGUEL — Era preciso... Para salvar a sua honra e honra de sua espôsa. E além disso, Pedro exigia.

EDUARDO — *(A PEDRO)* E' verdade?



CATARINA — (A PEDRO) Pedro, você recebeu êste dinheiro?

MIGUEL — Exigiu. Se não recebesse adiantadamente, não faria a intervenção.

CATARINA — Mas Pedro, era um caso de amizade... Você concordou porque se tratava de uma pessoa amiga, porque se tratava de Margarida. (Noutro tom) Não foi, Pedro?

MIGUEL — Êle não pode dizer isto! Na minha frente, não! Êle recebeu o dinheiro de minhas próprias mãos!

CATARINA — Não! Eu não acredito! Pedro nunca faria uma coisa desta. Abriu uma exceção, por questões de amizade. Mas por dinheiro, não! Não haveria dinheiro que comprasse isso!

MIGUEL — Não?! Como você está enganada, Catarina! (Vai a PEDRO) Vá! Conte tudo de uma vez! Cada minuto que passa temos menos tempo, e você precisa contar! Você também é canalha como nós! (Aponta o relógio) Veja o tempo como passa depressa!

EMÍLIA — Restam-nos poucos minutos...

PEDRO — O tempo não vale nada...

EDUARDO — Nem agora, Pedro? Nem agora que o nosso tempo está terminando?

CATARINA — (A PEDRO) Diga, Pedro! Diga logo!

MARGARIDA — E' verdade? Foi por dinheiro?

EDUARDO — Vamos, Pedro! Fale!

MIGUEL — Diga tôda a verdade, agora!

CATARINA — Por favor, Pedro! Fale depressa! Logo!

PEDRO — (Depois de breve pausa) Não foi a primeira vez, nem foi também a última. E' uma coisa para a qual muita

gente procura os médicos. Pagam bem, muito bem mesmo! Por sua vez, como se trata quase sempre de esconder alguma coisa muito séria, podemos exigir... Dá dinheiro.

EMÍLIA — Doutor Pedro...!

CATARINA — (A PEDRO) Então você era acostumado a fazer isso?

PEDRO — Bobinha! E a nossa fortuna? As regalias que temos tido? As viagens que temos feito? A vida que levamos?

CATARINA — Então, Pedro...? Todo o nosso dinheiro vem destas coisas? Você é mesmo um homem assim...? Sem escrúpulos? Um assassino profissional?

PEDRO — (Aproximando-se) Mas, Catarina...

CATARINA — Não me toque! Eu tenho horror a você! Nojo! Um assassino de pequeninas vítimas inocentes! Desgraçado! Miserável!

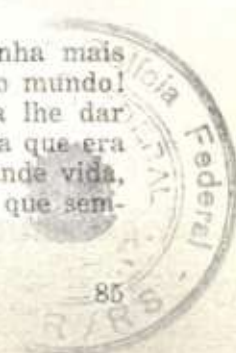
PEDRO — Você não pode me condenar assim. A nossa vida tôda!

CATARINA — Tenho horror da minha vida! Da sua vida! Da nossa vida juntos! (Recuando) Suas mãos! Suas mãos de assassino! (Em delírio) Tôda a minha vida! Tudo o que você me deu! Tudo o que eu tive! O seu dinheiro! O seu maldito dinheiro!

PEDRO — Com êle comprámos tanta felicidade! Mas não me culpe sozinho.

CATARINA — Não?! Por que não?!

PEDRO — Eu sempre tive ambições. Mas você tinha mais do que eu. Queria muito! Queria tudo! Queria o mundo! Era preciso que eu tivesse muito dinheiro para lhe dar tudo quanto você queria! Todos os dias você dizia que era preciso ficarmos ricos... Sonhava com uma grande vida, não era? Pois eu tive dinheiro, você teve a vida que sempre desejou. Estamos quites.



CATARINA — Eu queria isso, mas não com este dinheiro!
Pior do que se tivesse sido roubado! Pior! Mil vezes pior!

PEDRO — Se tivemos tudo quanto quisemos, porque condená-lo agora?

CATARINA — Você acha que se poderia construir uma felicidade com esta base, acha?

PEDRO — Nós a construímos. Até ainda há pouco, nós éramos felizes.

CATARINA — Porque eu não sabia o assassino que você é!

PEDRO — Mas éramos felizes.

EDUARDO — Éramos todos felizes até ainda há pouco.

MIGUEL — Quer dizer que a felicidade é uma maneira de se ignorar a respeito uns dos outros?

MARGARIDA — Ou de se esconder a própria desgraça para que ninguém saiba.

PEDRO — Viver a vida, simplesmente.

CATARINA — Ser enganada.

EMÍLIA — *(Tomando conta de tudo)* E é assim que vamos enfrentar a morte? E é discutindo sobre a felicidade que vamos morrer? *(Aponta o relógio)* Olhem!

MARGARIDA — Quantos minutos mesmo?

CATARINA — Prefiro não contar mais.

PEDRO — Estamos em cima da hora.

MIGUEL — Ainda falta um pouco.

EDUARDO — Um pouquinho de nada.

PEDRO — Vocês estão desesperados, não estão?

CATARINA — E você?

PEDRO — Eu? Calmo.

CATARINA — Não acredito! Seria preciso que você não tivesse consciência! Veja os outros! Veja Margarida!

MARGARIDA — *(No auge do nervosismo)* Eu... estou tão atormentada.

EDUARDO — Eu, desiludido... apenas isto.

PEDRO — E você, Miguel?

MIGUEL — Eu...? *(Estando perto de EMÍLIA, aproxima-se ainda mais dela)* Eu e Emília estamos como se nada tivesse acontecido. Não é, Emília? Somos os cínicos, fazemos tudo inconscientemente.

EMÍLIA — Não brinque, Miguel... Eu não... Eu estava tranqüilamente calma para morrer, sabia que não tinha culpa nenhuma. Mas vocês disseram tantas coisas, envolveram-me em tantas histórias, que agora já nem sei como é que me sinto...

MARGARIDA — Continua querendo passar como a pura, a inocente?! Pode deixar cair a sua bondade! Diante da morte cada um é o que é!

EMÍLIA — E' isto que eu estava pensando... Agora, estamos inteiramente despidos, com as mãos vazias estendidas ao longo do corpo...

EDUARDO — *(Vai lentamente a EMÍLIA)* E' verdade que você me amava?

EMÍLIA — Como a um irmão, Eduardo. Você acredita em mim, não acredita?

EDUARDO — Ainda agora, Emília?

EMÍLIA — Você sabe que eu não poderia fomentar uma ligação ilícita, nem aconselhar a morte de uma criança inocente, não sabe?

EDUARDO — Adianta alguma coisa que eu saiba?



EMÍLIA — Talvez... Diga sempre.

EDUARDO — Sei.

EMÍLIA — Então, você acredita em mim?

EDUARDO — *(Toma-lhe a mão)* Acredito, Emília.

EMÍLIA — *(Envolvendo-lhe a mão)* Obrigada, Eduardo. Isto me basta. Dá-me um pouquinho de confiança. E eu preciso tanto de confiança...

MARGARIDA — *(Indo a EMÍLIA)* Como é que você pode morrer assim, desta maneira?!

EMÍLIA — A certeza se aproxima.

MARGARIDA — Mas você não pode morrer calma! Não pode!

MIGUEL — *(Aproximando-se de EMÍLIA)* Você é culpada de tantas desgraças! De tantas misérias!

CATARINA — *(Cercando-a também)* Até a mim você conseguiu envolver na sua trama ordinária e miserável!

PEDRO — *(Cercando-a ainda)* De onde menos se espera é que saem as coisas, as piores coisas, as mais baixas e mais desgraçadas!

MARGARIDA — *(Com um riso nervoso)* A nossa boa e pura Emília!

EDUARDO — *(Enérgico)* Parem com isso! Ninguém tem o direito de acusar ninguém! *(Noutro tom, brando para EMÍLIA)* Emília, tem alguma coisa que lhe pese agora?

EMÍLIA — A gente nunca sabe ao certo... Talvez... Morrer assim... Quando eu pensava em morrer, pensava que seria de outra maneira, diferente, de outro jeito... Mas não assim... *(Pausa)* Se se pudesse saber quando vai ser, ou como vai ser...! *(Suspira e fala noutro tom, quase sorrindo)* Se na hora do jantar, alguém tivesse sugerido que poderíamos morrer esta noite, aqui nesta sala, dentro de

Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835

Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

mais alguns instantezinhos, ninguém teria acreditado que iria acontecer ou que poderia ser verdade... E aí está! Esta noite, aqui mesmo, dêste modo, daqui a pouquinho... *(Aponta o relógio)* Olhem! Olhem o relógio!

(TODOS se voltam para lá assustadíssimos.)

A luz da sala vai caindo lentamente, enquanto o relógio-carilhão vai ficando fluorescente e, ao mesmo tempo, deixando ouvir o tic-tac em crescendo, sempre em crescendo.

Todos ficam mais ou menos juntos, iluminados por um foco luminoso roxo ou verde, ou de qualquer outra cor conquanto que anule os coloridos das roupas e das faces, dando-lhe um aspecto irreal. Estão todos em grande expectativa.

Ouve-se apenas o ti-tac do relógio cada vez mais alto, mais alto.)

FIM DA PEÇA

